



E MAIS: TRAUMER, ZALTANA E GYULA HAVANGCSÁK



EDITORIAL

Com a era digital, o que mais se reclama é da falta de tempo. E falta pra tudo realmente. Perdemos tanto tempo conectados, consumindo conteúdo muitas vezes fútil e irrelevante, ficando em segundo plano o quê realmente importa. Não se preocupe, é normal. Tenho diversas séries e filmes para assistir, livros e quadrinhos para ler. Isso sem falar nas dezenas de discos que ainda compro e mal consigo parar para ouvi-los. Chega a ser controverso, ter acesso a tudo ao mesmo tempo e não conseguir consumir na mesma velocidade. Somos bombardeados com milhares de informações, desde o primeiro acesso pelo celular ao acordarmos, passando pelo trabalho durante o dia, terminando nas demais tarefas que fazemos antes de finalmente dormir. O ano de 2014 passou. Qual foi o saldo musical pra você? Conseguiu ouvir muita coisa? Descobriu bandas novas? Superou suas expectativas em termos de lançamentos? Confesso que ouvi pouca coisa, ou muito menos do que em anos anteriores. E sinceramente senti falta de ter mais horas no fim do meu dia. Grandes discos de grandes bandas foram simplesmente “ignorados” por mim, mas não por escolha e sim, pela falta dela. Muita gente confunde, mas a lista dos melhores do ano são os melhores que aquela pessoa ouviu, algo bastante pessoal, não quer dizer que os álbuns escolhidos foram necessariamente os melhores. É legal pra ver o estilo de cada um, a percepção da pessoa dentro do ‘Heavy Metal’ e também poder descobrir novos sons. Nessa edição você pode conferir os escolhidos da equipe, além de entrevistas diferenciadas, matérias interessantes e resenhas inspiradas. Dedicamos nossas horas “extras” escrevendo para essa edição. Neste ano, aparentemente, teremos outros grandes lançamentos como Slayer, Iron Maiden, Metallica, quem sabe o aguardado DVD do King Diamond, Monsters Of Rock, Rock In Rio, entre tantas coisas legais. Que venha então 2015, com a expectativa eterna de que seja um ano melhor em todos os sentidos. Desejo a todos mais tempo para que, enfim, possamos curtir nosso tão amado Metal! GO TO HELL!

Por Pedro Humangous.

P-H-C-S-L

EDITORIAL

Nota do Editor Chefe.

EQUIPE

Conheça quem faz a Hell Divine.

ENTREVISTAS

Evergrey, Korzus, Traumer, Zaltana, Uganga e Gyula Havangsák

SECRET GARDEN

Por Mario Linhares

OH, DAT ARTWORK!

Lancer

PILARES DO ABC

Ação Direta, MX e Necromancia

EVOLUIU PRA PIOR

Edguy

STONER ROCK/METAL

A nova safra

RESENHAS

MELHORES DO ANO 2014

EQUIPE

Editor Chefe: Pedro Humangous

Designer: Fernando Monteiro

Revisão: Marcela Zaccari e Flávia Pais

Web Designer: William Vilela

Colaboradores: Augusto Hunter, João Messias Jr., Thiago Rahal, Júnior Frascá, Leandro Fernandes e Marcos Garcia

Colaboraram nesta edição: Rybanna Monturil e Mario Linhares

01

01

02

28

30

31

33

34

35

44

RETORNO EM GRANDE ESTILO

Evergrey



Os suecos do Evergrey passaram por momentos gloriosos nos seus quase vinte anos de carreira, mas também tiveram muitos problemas com saídas inesperadas de integrantes a ponto de quase encerrar as atividades da banda. O líder, o vocalista e guitarrista Tom S. Englund, teve que encontrar forças para fazer o grupo voltar a gravar e tocar, o que não foi fácil, já que os problemas com empresários e gravadoras eram grandes. Então, sozinho, ele resolveu trazer de volta os músicos Henrik Danhage (guitarra) e Jonas Ekdahl (bateria) e, ao lado de Rikard Zander (teclados) e Johan Niemann (baixo), trabalharam duro para que o nono álbum de estúdio, "Hymns For The Broken", se tornasse o novo clássico do Evergrey em muitos anos. Nessa entrevista exclusiva, o baterista Jonas Ekdahl deu respostas bem interessantes e falou sobre o atual momento do Evergrey e seu novo trabalho de estúdio.

Por Thiago Rahal Mauro

HELL DIVINE: Como está a repercussão de "Hymns For The Broken" na mídia especializada e com os fãs em geral?

Jonas Ekdahl: A repercussão, tanto na mídia como através dos fãs, está incrível, realmente surpreendente, pois não esperávamos tanta aceitação. Nós fizemos um grande álbum, é claro, mas em todos os lugares só recebemos elogios e isso nos deixou muito animados. Várias resenhas foram bastante precisas e gratas com a produção e as músicas. Os fãs de todo mundo e que escrevem nas redes sociais têm ajudado bastante, pois hoje em dia isso tudo tem se tornado um grande feedback para o Evergrey e fazem a banda melhorar.

HELL DIVINE: Você acredita que a banda recarregou as energias nesse álbum?

Jonas Ekdahl: Sim, definitivamente. Eu e o Henrik Danhage estávamos fora da banda por outros motivos, mas agora nos sentimos muito bem e felizes novamente. O clima entre nós está excelente. Acredito que para o nosso vocalista Tom S. Englund tenha sido assim também. Percebemos que muitas das coisas que fazíamos no começo do Evergrey estamos fazendo novamente, pois existe um clima de camaradagem e amizade novamente.

HELL DIVINE: O que você fez musicalmente enquanto estava fora da banda e quem teve a ideia de trazê-lo de volta ao Evergrey?

Jonas Ekdahl: Eu tinha uma banda chamada Death Destruction e estava focado nela até voltar ao Evergrey. A ideia inicial partiu do Tom, já que o baterista anterior, Hannes Van Dahl, recebeu uma oferta para fazer uns shows com a banda Sabaton na mesma época em que o Evergrey também tinha eventos marcados para fazer, ou seja, a banda estava sem baterista. Tom ligou para minha casa, conversamos bastante e disse: por que não voltar? Desde então, senti que a coisa estava fluindo bem e aproveitamos o momento para oficializar. A partir de então, resolvemos compor novas ideias. O que ajudou muito nessa volta foi exatamente essa vontade de fazer música novamente.

HELL DIVINE: "Hymns For The Broken" demorou bastante para sair. Por quê?

Jonas Ekdahl: Nós não queríamos apressar apenas para sair logo ou agradar um certo grupo de pessoas. Queríamos que saísse da nossa maneira e corretamente,

com a qualidade de sempre do Evergrey. Para você ter uma ideia, até sair nosso primeiro videoclipe, eu e Henrik Danhage éramos integrantes secretos da banda, então foi bem complicado esconder tudo. Desejávamos focar na composição como banda e acredito que conseguimos perfeitamente isso em "Hymns For The Broken".

HELL DIVINE: Qual o conceito por trás desse novo álbum?

Jonas Ekdahl: É estranho responder isso, pois as letras são experiências vividas por Tom S. Englund. Em resumo, ele fala sobre o que viveu nesses anos, desde depressão, angústias, até as maiores alegrias possíveis. Não sou a pessoa certa para responder sobre o conceito, mas é basicamente isso.

HELL DIVINE: Na minha opinião, esse novo álbum soa bastante introspectivo. Você acredita que isso influencia em suas vidas ou nas músicas?

Jonas Ekdahl: Não exatamente, às vezes sim, às vezes não. Eu posso criar uma linha melódica bastante pesada e densa, mas, ao mesmo tempo, estar em um momento feliz e alegre em minha vida. Nós somos músicos alegres, brincamos o tempo todo, inclusive com os fãs. Isso não significa que a música será sempre feliz. Compomos de acordo com o que a música pede, e se tiver que ser densa, pesada e até mesmo dark nós vamos fazer.

HELL DIVINE: E quem é a pessoa que grita no começo do álbum? Ela está saindo de um pesadelo ou acordando para algo novo?

Jonas Ekdahl: (risos). Foi uma experiência que fizemos, nada muito fora do normal. Queríamos passar uma ideia de uma pessoa desesperada para encontrar algo e o grito seria a melhor maneira. De certo modo, foi uma chance de mostrar uma atitude mais Rock logo de cara. Acho que funcionou legal.

HELL DIVINE: Duas faixas mostram bastante o novo trabalho. "A New Dawn" e "The Grand Collapse". Fale um pouco mais sobre elas, por favor.

Jonas Ekdahl: Nesse álbum, focamos bastante em linhas mais dinâmicas. Nessas duas faixas, em especial, você consegue perceber isso claramente. Elas têm as características principais do Evergrey, ou seja, são pesadas, tem passagens mais lentas, partes com piano e linhas mais épicas. Mesmo que esse álbum tenha um



quê mais denso, as composições possuem pensamentos positivos no final, então essa coisa de focar em linhas mais dinâmicas deu certo de certa maneira.

HELL DIVINE: Vocês gravaram o videoclipe para a música "King of Errors". Como foi a gravação e porque a escolheram?

Jonas Ekdahl: Para mim foi bem fácil e divertido ao mesmo tempo. Tom e o diretor ficaram na floresta por dez dias para realizar algumas filmagens, então para eles não foi tão fácil assim (risos). Mas pra mim, que gravei apenas algumas cenas com a bateria, foi mais tranquilo e bem divertido.

HELL DIVINE: Eu li em alguns sites estrangeiros que vocês tiveram algum tipo de ajuda do governo sueco para fazer o videoclipe. É verdade?

Jonas Ekdahl: Não diretamente, apenas a companhia que fez o videoclipe precisava de autorização para gravar em uma das locações e o governo ajudou com isso, mas somente esse fato, nada com dinheiro, etc.

HELL DIVINE: Vocês tiveram uma ação de marketing bem legal que foi gravar a introdução do álbum em várias línguas e disponibilizar em diversos vídeos, inclusive o português. Como foi isso?

Jonas Ekdahl: Realmente, tivemos vários vídeos com diversas línguas. É uma coisa legal de se fazer, pois você torna especial e faz o fã se conectar com o Evergrey por causa da língua.

HELL DIVINE: Eu sei que na Europa muitos músicos têm outros trabalhos e não vivem somente de música. No seu caso, você tem outro trabalho fora a música?

Jonas Ekdahl: Sim, realmente, eu tenho trabalho fora da música. Como sempre falamos, precisamos pagar as contas. Mas eu sempre deixo algumas horas do dia dedicado somente para compor e ensaiar. Eu meio que gosto dessa coisa de ter um trabalho fora e ao mesmo tempo ser músico. É gratificante e não me incomoda nem um pouco.

HELL DIVINE: Em resumo, como está a cena Metal na Suécia agora?

Jonas Ekdahl: A cena Metal daqui é muito boa. Temos bastantes estúdios para tocar e praticar com as bandas. O governo dá um suporte bem legal com as crianças que querem começar a tocar e ter uma banda. Na Suécia, temos várias casas de shows, bares, então, de certo modo, a cena é bem divertida.

HELL DIVINE: Vocês têm planos de se apresentar no Brasil em 2015?

Jonas Ekdahl: Queremos muito, mas dependemos de uma oferta dos produtores locais. Os fãs brasileiros são muito alegres e sempre nos mandam mensagens de apoio e falando que gostaram do novo álbum. Nós amamos vocês e queremos sempre voltar. Espero tocar em breve no Brasil!



NOVO E QUARTO ÁLBUM DE ESTÚDIO DO UGANGA

PRODUZIDO POR GUSTAVO VAZQUEZ (BLACK DRAWING CHALKS, MACACO BONG, KROW, HELLBENDERS).

INCLUINDO A REGRAVAÇÃO DE "WHO ARE THE TRUE?" DO VULCANO COM PARTICIPAÇÕES DE MURILLO LEITE (GENOCÍDO) E RALF KLEIN (MACBETH) E "MOLEQUE DE PEDRA" COM PARTICIPAÇÃO DE JUAREZ TIBANHA (SCOURGE, EX-CIRRHOSIS).

JÁ NAS LOJAS

UM LANÇAMENTO



DISTRIBUIÇÃO



APOIO



MERCHANDISE



MANAGEMENT



ENTREVISTA

TRINTA ANOS EM ALTO ESTILO



Trabalhar por três décadas atuando no Metal nacional é uma virtude, mas, ao mesmo tempo, também é uma conquista. Quando o trabalho é feito com prazer e muito empenho, os fãs percebem isso e abraçam a causa sem pensar duas vezes. A banda Korzus trabalha dessa maneira, por isso após trinta anos de carreira ela ainda é relevante no mercado e segue lançando álbuns com muita qualidade. Em 2014, o grupo lançou o seu mais recente álbum de estúdio, “Legion”, que mais uma vez colocou o Korzus no topo do metal nacional. Em entrevista exclusiva, Marcello Pompeu fala sobre o momento atual da banda, curiosidades sobre o disco e planos para o futuro. Confira!

Por Thiago Rahal Mauro



Hell Divine: O álbum “Legion” foi lançado em 2014 e obteve excelentes críticas dos fãs e da mídia especializada. Quão importante para a banda é receber esse feedback de todo mundo na época do lançamento?

Marcello Pompeu: É sempre muito bom ter essa resposta positiva tanto do público, dos fãs e da imprensa. Ficamos extremamente felizes por “Legion” figurar na lista dos melhores lançamentos de 2014 de muita gente importante e isso é uma grande satisfação. No entanto, o importante para nós, é saber que, mesmo depois de 30 anos de carreira, nos mantemos no caminho certo.

Hell Divine: “Legion” marca mais um álbum com esta formação bem estabilizada com Marcello Pompeu (vocal), Heros Trench e Antonio Araújo (guitarras), Dick Siebert (baixo) e Rodrigo Oliveira (bateria). Vocês acham que essa será a formação final do Korzus para os próximos anos?

Marcello Pompeu: Apesar desse fim estar bem longe, esperamos que sim! Somos muito amigos e formamos um time matador. A grande prova disso tem sido os nossos últimos discos e os nossos shows. O problema de cada mudança de formação é que sempre se perde tempo e tempo para nós é muito precioso nesse momento!

Hell Divine: O álbum foi produzido Heros Trench e gravado no estúdio Mr. Som, em São Paulo. Quanto isso ajuda no resultado final?

Marcello Pompeu: Todos da produção trabalharam um pouco sob a coordenação do Heros. Gravar o disco do nosso estúdio é bom pelo fato de ser o nosso habitat natural, a nossa casa, mas não descartamos uma mudança no futuro.

Hell Divine: “Legion” tem algum conceito por trás das

letras ou cada música fala sobre um assunto específico?

Marcello Pompeu: Não! Cada música fala sobre um assunto diferente. Não há nenhum conceito. O nosso único conceito é perpetuar o Thrash Metal de maneira plena, absoluta e com qualidade. “Legion” foi um disco bem lapidado, que demorou dois anos da composição a masterização. Este disco foi feito com amor e paixão pelo metal, indiferente se é o melhor ou apenas mais um. Fizemos este álbum com verdade cravada no nosso estilo, fizemos para nós e para os nossos fãs.

Hell Divine: Musicalmente, o que o Korzus buscou de sonoridade nesse novo trabalho?

Marcello Pompeu: Se você ouvir direito o disco, você vai perceber que mantivemos a nossa pegada, mas também conseguimos evidenciar a nossa evolução musical. Um dos pontos primordiais foi colocar um pouco mais de musicalidade ao nosso peculiar estilo. Acredito que conseguimos isso sem descaracterizar a banda.

Hell Divine: Pompeu, seus vocais estão muito melhores do que em qualquer trabalho do Korzus. A sua experiência contribuiu para o resultado final desse novo trabalho?

Marcello Pompeu: Muito obrigado pelo elogio. Fico muito lisonjeado por isso! “Legion” é um disco sensacional e pode crer que dei o meu melhor. Na verdade, acredito que cada trabalho tem sua história e seu limite. Gosto de tudo que já fiz, o único que tenho um pouco o pé atrás é o “Pay For Your Lies”, pois o inglês é meio tosco e a voz com pouca personalidade, mas gosto bastante das músicas, gostaria muito de regravá-lo.

Hell Divine: A dupla de guitarristas Heros Trench e Antonio Araújo fizeram um trabalho espetacular na criação de riffs



e hits de guitarra. Quão importante é a química dos dois atualmente para a banda?

Marcello Pompeu: Ter uma dupla integrada é o que toda banda busca. O trabalho flui e não é só musicalmente, a amizade aqui é fantástica! Quem convive com a gente sabe muito bem o que estou dizendo!

Hell Divine: A música “Lifeline” abre os trabalhos com um riff bem marcante. Esta deve ser uma das mais pedidas pelos fãs ao vivo. Conte um pouco mais sobre ela e o que fala a letra.

Marcello Pompeu: Tomara que seja, porque eu particularmente gosto muito dela! A letra fala de uma pessoa com dons especiais que vê coisas que a maioria não vê e em um determinado momento da vida está vendo um futuro com o fim dos bons e o domínio da escravidão humana. Basicamente é isso, todos indo para o corredor da morte.

Hell Divine: “Bleeding Pride” tem tudo para ser o novo clássico da banda. Você concorda? Comente mais sobre ela, por favor.

Marcello Pompeu: Particularmente, tenho convicção disso! É uma composição muito forte, dinâmica, pesada... Essa foi uma música que me deu um trabalho extra para fazer o refrão, porque tem uma melodia específica e eu tinha que encaixar o meu estilo, sem fugir da minha história... Foi foda, mas gostamos muito do resultado!

Hell Divine: Uma composição, em especial, me agradou bastante. “Vampiro” é cantada em português e tem uma letra bem forte. Vocês pensam em lançar, lá na frente, um álbum cantado em português?

Marcello Pompeu: Não, o que fazemos é sempre pôr uma ou duas em português para as pessoas sacarem corretamente o estilo que está sendo cantado nas outras faixas. Aqui no Brasil, nem todos sabem ou entendem inglês. Então, para nós, é muito importante nem que seja uma música estar na nossa língua.

Hell Divine: Quem seria o Vampiro da cena Metal na atualidade?

Marcello Pompeu: A desinformação, a falta de entendimento reto nas coisas, as mentiras e fofocas. A inveja, o não comprometimento com a cena, a falta de respeito e a falta de profissionalismo.

Hell Divine: A banda Korzus celebra 31 anos de carreira. Para vocês, qual a maior contribuição da banda para o metal no Brasil e mundo?

Marcello Pompeu: Sermos fieis ao que fazemos, ter amor pelo metal, mostrar que a perseverança sobrepõe a ansiedade, mostrar que é possível viver do heavy metal no Brasil.

Hell Divine: O Korzus sempre foi uma banda de atitudes fortes e que nunca deixou a peteca cair mesmo com as mudanças de formação. O que vocês podem falar sobre isso e qual dica você daria para uma banda iniciante no cenário do metal nacional?

Marcello Pompeu: Sonhar, acreditar, lutar, investir, perseverar e defender seus ideais!

Hell Divine: Vocês pretendem gravar um DVD com show profissional e um show completo? Isso é algo que os fãs da banda pedem direto. Quais os planos da banda para 2015?

Marcello Pompeu: Olha, em termos de DVD temos esse projeto em mente, mas ainda não decidimos o formato. Nós somos muito caprichosos e não vamos lançar um material apenas por lançar. Estamos estudando essa ideia, sim! Agora é a hora de pôr o pé na estrada! Queremos fazer o máximo de shows possíveis pelos quatro cantos do país e quem sabe algo no exterior, ainda este ano. Não há outro foco além deste: tocar, tocar e tocar!

Hell Divine: Por fim, deixe um recado para os leitores da Hell Divine.

Marcello Pompeu: Muito obrigado pelo espaço e pelo excelente trabalho que a Hell Divine vem desenvolvendo em apoiar principalmente o metal nacional. Pessoal, curtam muito “Legion” em alto e bom som. Vejo vocês no mosh pit mais perto da sua casa!

ENTREVISTA



O METAL MELÓDICO DE VOLTA E REALIZANDO PROEZAS

Entre 1990 e 2000, o Melodic Metal viveu seus anos de glória no mundo todo (em especial no Japão), período em que grupos como Angra, Stratovarius, Gamma Ray e Helloween brindavam o globo com apresentações memoráveis e álbuns no mínimo excelentes. Só que a “máquina” gira e até poucos anos atrás o estilo passou por períodos de ostracismo e incertezas, fazendo com que muitas bandas (inclusive as citadas) agregassem novas nuances e sonoridades em sua música para oferecer algum atrativo aos fãs. Mas, como nada é para sempre, o estilo vem ressurgindo. De forma tímida, o estilo vem mostrando ao mundo bons nomes como o brasileiro Traumer. Formada por Guilherme Hirose (vocal), Fábio Polato (guitarra), Nelson Hamada (teclados), Regis Lima (baixo) e Felipe Santos (bateria), a banda faz bonito no debut “The Great Metal Storm”. Nessa entrevista, feita com o vocalista Guilherme Hirose, o músico fala sobre a história do grupo, a repercussão e os frutos colhidos até agora com o trabalho.

Por João Messias Jr.

HELL DIVINE: Com cinco anos de estrada, o grupo possui dois trabalhos, dos quais falaremos no decorrer desta entrevista. Começando do EP, chamado “Eleazar”, de 2012. O que acharam da repercussão desse trabalho?

Guilherme Hirose: O “Eleazar” é o primeiro registro oficial gravado de nossas músicas e representa o ponto de início de nossa carreira profissional. Junto com este EP foi gravado o videoclipe da “Gates Of Freedom”, lançado na mesma época em que as músicas foram colocadas na rede, disponíveis para download gratuito e, posteriormente, quem quisesse a cópia física, nós fizemos uma pequena tiragem, de forma totalmente independente para venda

e distribuição. Esse EP teve uma repercussão até maior do que esperávamos. Fomos convidados para tocar em um dos maiores festivais do sul do Brasil, o Orquídea Rock Festival, onde tocamos por dois anos consecutivos.

HELL DIVINE: Dois anos depois, a banda lançou seu primeiro álbum “The Great Metal Storm”. Em qual momento decidiram partir para um disco completo em vez de um novo EP?

Guilherme Hirose: Depois que concluímos um ano inteiro dedicado à divulgação de nosso EP, vimos que as pessoas sempre comentavam conosco que o trabalho deveria

continuar e que gostariam de ver a banda lançando um trabalho completo. E foi exatamente o que fizemos no ano de 2013. Paramos com os shows para nos dedicarmos a compor as músicas e posteriormente gravá-las. Como se trata de uma banda independente, isso tomou um pouco mais de tempo que o usual. Reuni com o Polato (guitarra) e colocamos em prática todos os esqueletos de músicas que já tínhamos, alguns deles inclusive com a participação direta do nosso baixista, Regis, e posteriormente seriam enviadas aos nossos companheiros de banda, Nelson (teclados), e Felipe (bateria), para que cada um construísse e/ou corrigisse sua parte sem nossa intervenção. E isso foi feito quase que 90% a distância, por meio de redes sociais, sites para compartilhamento de arquivos, etc. Em menos de um ano após a finalização das gravações, o disco foi assinado para ser lançado mundialmente pela gravadora estrangeira, Total Steel Records, em maio do ano passado. Ficamos muito felizes, e posso dizer em nome de todos, realizados por ter o nosso trabalho, feito com tanto suor e carinho, reconhecido internacionalmente.

HELL DIVINE: O trabalho apresenta um metal melódico de alto nível, em que todos os instrumentos estão nivelados e o mais importante, todos jogam para o time, sem agudos desnecessários e virtuosismos gratuitos, demonstrando maturidade para um grupo que ainda está no primeiro disco. Conte-nos como foi o processo de lapidação das canções?

Guilherme Hirose: Nesse processo “moderno” de composição, ficou a cargo de cada um ser o total responsável por suas melodias e harmonias. Eu tenho um grande prazer e a sorte de trabalhar com os melhores músicos do mundo. E quando eu digo músicos, não estou falando apenas de técnica, mas de qualidades que considero essenciais para que uma banda consiga transmitir o maior de todos os propósitos em suas músicas, o sentimento. Todos os músicos da Traumer, sem exceção, trabalham em prol de um produto, e trabalham em plena harmonia, mesmo à distância. Hoje em dia é muito fácil achar pessoas que estão interessadas em tocar na noite, lançar CDs medianos, apenas para sentirem-se melhores que os outros ou por outras razões, as quais os músicos da Traumer não compactuam. Cada música é feita com um sentimento real vindo de nós, coloridos em abundância para que sejam claramente dramatizados e reconhecidos pelos ouvintes, e para que se tornem canções familiares, permitindo se sentirem até mesmo coautores das músicas.

HELL DIVINE: Antes de falar das músicas, vocês, em meio à semana da Black Friday, fizeram um preço promocional do álbum, reduzindo o valor pela metade do preço e frete incluso. Como surgiu a ideia da estratégia de alavancar o nome do grupo? Quais os resultados obtidos?

Guilherme Hirose: Essa é uma ideia que surgiu logo após o lançamento do disco, pois percebemos que algumas pessoas, que gostavam muito da banda, não conseguiam comprar o CD, pois o valor era um pouco alto para eles, porém, nessa época, estávamos seguindo a média de



preços da própria gravadora em lojas pelo mundo todo e reféns do valor que os correios do Brasil cobram nos fretes, tanto nacionais (que já é bem caro) como nos internacionais (que é um absurdo para o tempo que demora). E para sermos justos com os fãs, amigos e admiradores da banda, decidimos por manter a média mundial até novembro, mês em que ocorreu a Black Friday. Essa iniciativa foi bastante arriscada, devido ao frete e outros gastos relacionados, ficamos até com uma faixa de prejuízo nas vendas, porém, a ideia era permitir que qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo comprasse o CD a “preço de banana”, e nos conhecesse melhor. A procura foi tão grande nesse mês que decidimos por voltar o CD a um valor que não nos causasse prejuízo, porém, continuasse acessível, e está disponível para todo o Brasil por R\$25

(incluindo o frete) pelo nosso site.

HELL DIVINE: Vamos falar um pouquinho das canções. Em “The Great Metal Storm” se apresenta um álbum calcado no Metal Melódico da década de 1990/2000, em que temos músicas rápidas como a faixa-título e “Enjoy Your Paradise”, que devem estar entre as mais pedidas dos shows. Qual a reação do público na execução dessas músicas?

Guilherme Hirose: A melhor possível! “The Great Metal Storm” é a faixa que abre o CD e também os shows nessa fase de divulgação do álbum. A reação do público ao nosso momento de fazer a contagem e começar a tocar a música, propriamente dita, é imediata. E é algo que muitas vezes, no meu caso, me faz emocionar antes mesmo

de caminhar até a frente do palco para começar a cantar. Quando você caminha no palco em direção ao público, nos primeiros minutos do show e vê pessoas desconhecidas e amigos completamente ensandecidos, com as mãos para o alto, gritando muito alto, jogando toda aquela energia boa para todos nós, é pura magia! Durante essa primeira música do show, há também as primeiras interações com o público presente e é um momento em que acaba por se passar quase em câmera lenta aos nossos olhos, de tão especial que é, pois é o momento em que, pela primeira vez no show, as pessoas estão ali, batendo palmas junto com você. Cada segundo ali é marcado para sempre em nossas memórias. A “Enjoy Your Paradise”, música mais rápida do CD, é realmente um dos pontos altos dos shows. As pessoas participam MUITO dessa música, cantam o refrão, mesmo sem saber a letra, batem palmas, pulam, e muitas vezes olham para nós com aquele olhar que nós olhávamos e ainda olhamos para nossos ídolos em shows. Isso, realmente, não tem preço e é algo muito especial e individual em cada show.

HELL DIVINE: Em meio às músicas rápidas que citei, há baladas e canções mais Hard, como “Pandora” e “Nights Of Babylon”. Qual a importância de músicas desse estilo no repertório?

Guilherme Hirose: Quando se fala em um produto fonográfico completo, não podemos esquecer, de forma alguma, que ele deve “agradar a gregos e troianos”. Mas mais do que isso, deve-se levar em consideração que ninguém mais quer ou aguenta ouvir solos intermináveis, agudos desnecessários, arranjos estratosféricos de bateria e pouca melodia. Existem muitas músicas boas e bons artistas surgindo a cada instante, músicas medianas ou cheias de virtuosismos desnecessários são simplesmente ignoradas. Já ouvimos de muitas pessoas a opinião de que “The Great Metal Storm” é “um CD muito bom e que não enjoa, mesmo sendo de Metal Melódico”. “Pandora” é uma música que se baseia no mal que uma pessoa possui dentro de si, que acaba cegando-a de alguma forma em meio aos medos, etc. Mas essa pessoa consegue se livrar desse mal voar (como escrito na música) livremente, mundo afora, sem que esse mal saiba onde essa pessoa foi parar, para que nunca mais a incomode novamente. “Nights Of Babylon” foi baseada no pouco tempo que temos em vida, onde cada um é uma divindade em forma peregrina, vagando pela vida, encontrando seus propósitos, seus reinos e crescendo, um dia após o outro, melhor dizendo, uma noite após a outra. E surpreendentemente, esse tempo é tão curto que quando nos damos conta, nosso destino já foi modificado sem que pudéssemos sequer perceber. Músicas como essas, pedem um clima mais cadenciado, mais sentimental, para que nós também consigamos expressar esse sentimento na execução dos instrumentos, e levar esse cenário ao imaginário do ouvinte.

HELL DIVINE: Outra característica do grupo reside no clima positivo que reina no álbum, principalmente na última faixa, “Ride My Way”. Esse clima mais feliz foi algo pensado ou quando viram o disco já estava dessa forma?



Guilherme Hirose: Posso dizer que o disco foi sim pensado segundo a segundo, porém, de uma forma tão natural que nós quase não percebemos que estávamos realmente buscando este claro objetivo. “Ride My Way” é uma música que leva a imaginação das pessoas ao limite, pelo menos levou a minha (risos).

HELL DIVINE: O álbum foi lançado pela gravadora “gringa” Total Steel Records. Por que assinaram com um deles em vez de um selo nacional? O que estão achando dessa parceria?

Guilherme Hirose: Por incrível que pareça, enquanto os selos nacionais nos enrolavam, diziam que iriam escutar e depois dar um parecer (obviamente que era uma grande mentira), a Total Steel Records se mostrou muito interessada em lançar nosso primeiro álbum. No começo, achamos que seria algo local, mas após algumas conversas, vimos que eles queriam lançar o disco no mundo todo, o que nos fez aceitar a proposta sem pensar duas vezes. Infelizmente, tenho que reconhecer que fazer business com nossos amigos estrangeiros é algo muito, mas muito mais sério e profissional do que qualquer conversa que tive com gravadoras nacionais. Mas ainda tenho esperanças de encontrar, no futuro, alguma gravadora séria, interessada em lançar o disco de forma nacional, o que reduziria muito o custo do CD para nossos queridos amigos e admiradores. Essa parceria com a Total Steel Records não poderia ter sido melhor para o primeiro CD, obtivemos resultados que nós nunca imaginávamos obter. Nosso encarte foi muito bem pensado e trabalhado, assim como a arte impressa no CD e vários outros pontos gráficos que só podem ser percebidos e consumidos nas cópias físicas.

HELL DIVINE: O Metal Melódico é um estilo em alta, principalmente no mercado asiático. E o Traumer conseguiu uma proeza por lá, “The Great Metal Storm” esteve entre os mais vendidos do Japão. Como foi pra banda receber esta notícia e se isso pode facilitar uma turnê pela terra do sol nascente no futuro?

Guilherme Hirose: Foi uma das melhores notícias que recebemos em 2014! Recebemos um e-mail de nossa gravadora com o ranking japonês de CDs importados e lá estávamos nós, à frente de Epica, Edguy, Soundgarden e muitas outras bandas que são mundialmente aclamadas. Essa notícia se tornou uma grande festa para a banda e

para todos os nossos amigos e acredito que tenha nos dado um lugar especial no coração dos nossos amigos da terra do sol nascente e também de todo o mundo. Creio que isso tenha sim colocado a Traumer diante dos olhos de promotores japoneses para uma futura turnê. Enquanto isso, estamos fazendo uma forte promoção do nosso CD mundo afora e recebendo um excelente feedback até o momento.

HELL DIVINE: Para encerrar, o que acham dos trabalhos mais recentes de bandas como Angra, Andre Matos e Stratovarius?

Guilherme Hirose: Sou bastante suspeito para falar de Stratovarius, pois sou muito fã dessa banda e todo mundo sabe disso. Para mim, os trabalhos recentes refletem uma banda mais feliz. A meu ver, a saída de Timo Tolkki acabou sendo um grande problema no início, mas que no último disco prova que a banda está tão forte quanto sempre foi. E eu particularmente prefiro o Jörg na bateria, mas gostei bastante do Rolf executando as músicas no show em que estive presente ano passado. O Angra em sua nova empreitada com o Fabio Lione leva a banda para um padrão diferente do que o público em geral estava acostumado. Posso dizer que é algo que devo muito respeito, inclusive já trabalhei com ele e sei o quão profissional ele é. Porém, não foi algo que eu achei que combinou bem e nem que me agradou. Andre Matos tem meu eterno respeito e admiração, mesmo eu não acompanhando assiduamente seus trabalhos atuais, sei que são de boníssimo gosto e alto requinte, como sempre.

HELL DIVINE: Muito obrigado pela entrevista. Deixem uma mensagem aos leitores da Hell Divine!

Guilherme Hirose: Nós que agradecemos à Hell Divine, especialmente ao João, ao Pedro, ao Thiago, a todos os demais colaboradores e profissionais e a todos os leitores dessa magnífica revista, que sem dúvidas, vem crescendo a cada edição. Aos nossos amigos e admiradores, gostaríamos de deixar o nosso abraço carinhoso e esperamos vê-los em breve nos shows! Para aqueles que querem conhecer um pouquinho mais da banda, dos integrantes, ficar por dentro dos shows e novidades e também para quem quiser comprar o nosso CD, acessem nosso site, lá vocês encontrarão tudo isso e muito mais! facebook.com/traumerofficial

ENTREVISTA



GYULA HAVANCSÁK - KJULES ILLUSTRATION AND DESIGN INSPIRANDO-SE NO COTIDIANO

Um dos melhores artistas gráficos da atualidade, o húngaro Gyula Havancsák, vem apresentando trabalhos cada vez mais incríveis para as mais diversas bandas de Heavy Metal. Já trabalhou com bandas como Annihilator, Tyr, Grave Digger, Destruction, Stratovarius, entre tantas outras de renome. Estranhamente, seu nome ainda é pouco difundido, porém, tenho certeza que você já viu a arte dele em algum álbum da sua banda favorita. Fomos atrás dele, então, para batermos um papo e saber mais sobre seu trabalho. Confirmam:

Por Pedro Humangous

HELL DIVINE: É um prazer tê-lo em nossas páginas Gyula! Como é nosso primeiro contato, conte-nos como começou essa paixão pela arte e como deu início aos trabalhos com bandas de Metal.

Gyula Havancsák: Comecei bem cedo, aos 2 ou 3 anos de idade eu já fazia alguns desenhos. Sempre desenhei muito. Desde pequeno eu assistia a filmes de horror e ficção científica, creio que isso infectou meu cérebro de alguma forma (risos)! Minha primeira arte para bandas foi para a húngara Pokolgep (era uma das mais populares daqui), mas a gravadora cancelou minha versão, pois era “metal” demais. Finalmente, consegui fazer a primeira arte “valendo” para a, também húngara, Evensong. Quando terminei a faculdade de arte, me mudei para Budapeste e comecei a entrar em contato com bandas do mundo todo. Mesmo sendo no ano 2000, tudo ficava mais fácil com o uso da

internet e hoje em dia está ainda mais simples. Certa vez, decidi enviar uma de minhas artes para Jeff Waters. Fiquei surpreso quando ele respondeu meu e-mail dizendo que queria que eu fizesse a arte para o disco “All For You”. Na época eu ainda era um garoto jovem e vivia sonhando em ir a um show do Annihilator, mas fazer a capa de cinco discos e dois EPs para eles, certamente, foi além das minhas expectativas!

HELL DIVINE: Seu material é tão diversificado, que vai desde imagens lindas como as capas do Stratovarius a coisas mais tenebrosas como as artes para o Destruction. Isso mostra que seu trabalho não tem limites.

Gyula Havancsák: Muito obrigado, fico feliz em ouvir isso! Trabalho com diversas bandas e preciso entender, sempre, qual o estilo de cada uma, o que combina com elas. Quan-



do fiz a arte de “Polaris” do Stratovarius, lembrei da arte que o Derek Riggs fez para o disco “Infinity”. Era uma imagem bem detalhada, fiquei espantado com a qualidade da pintura e então queria seguir algo similar. Fiz a arte do novo disco deles já tem um ano e posso garantir que vai ter muitos detalhes! Estou feliz pela confiança que a banda depositou em mim, me deram bastante liberdade para trabalhar nessa nova capa. Mal posso esperar para poder mostrar aos fãs! Sobre as artes para o Destruction, a gente se fala bastante via Skype quando estou montando a capa, pois ele tem várias ideias para as ilustrações. Ele é mais criterioso quando o assunto é a capa, os demais desenhos eu faço como surpresa para ele (risos)!

HELL DIVINE: Conte-nos como começa o seu processo de criação. Você chega a ouvir as músicas do disco antes para se inspirar? As bandas dão liberdade para criar ou costumam guiar você dando dicas do que querem?

Gyula Havancsák: Se a banda me manda o material com antecedência, gosto sim de ouvir enquanto penso e desenvolvo a arte. Porém, meu trabalho vai muito além disso, procuro me inspirar nas coisas do cotidiano, como por exemplo vendo um filme, pegando um ônibus, etc. Algumas bandas gostam de dar instruções demais e isso acaba prendendo o processo. Quando tenho liberdade, creio que o resultado final seja o mais próximo do que chamamos de arte, verdadeiramente.

HELL DIVINE: Você fez uma das minhas capas favoritas, “The Scythe” da banda Elvenking! De onde inspiração pra esse tipo de cenário que você cria?

Gyula Havancsák: Muito obrigado! Aquela mulher que você vê na capa é minha esposa! Ela foi minha modelo quando desenhei a personagem. Na época eu estava ouvindo muito King Diamond, então resolvi tirar algumas fotos e incluir uns túmulos no fundo. Antes de rabiscar a primeira linha do desenho, gosto de me acalmar, limpar a mente e fazer um brainstorm. A vida é a minha maior inspiração, porém, estamos constantemente cegos para a realidade.

HELL DIVINE: Você nasceu na Hungria, certo? Ainda mora por aí? Como é a cena do heavy metal no seu país?

Gyula Havancsák: Exatamente, vivo em Budapeste atualmente. A Hungria é um país pequeno, temos menos de dez milhões de habitantes. Porém, temos ótimas bandas por aqui. Não temos programas de TV dedicados ao metal e é muito difícil para as bandas daqui conseguirem destaque internacional. Posso mencionar algumas como Ektomorf, Wisdom, Sear Bliss, Galloping Coroners, Attila Csihar (vocalist do Mayhem), e muitos outros.

HELL DIVINE: Falando sobre bandas, você toca baixo em uma banda chamada Bornholm. Fale um pouco

sobre isso.

Gyula Havancsák: Sim, toco no Bornholm desde 2008. Quem comanda a banda é o guitarrista e vocalista Peter Sallai. Ele também mexe com design gráfico, fez inclusive umas capas para o Sabaton! Éramos colegas de trabalho em uma empresa de desenvolvimento de games quando o baixista da banda saiu, foi quando me chamaram para integrar o grupo. Gravei com eles o álbum “Inexorable Defiance” em 2012. Logo após, fizemos uma turnê europeia ao lado de bandas como Thyrfing, Arkona, Ex Deo, Ales-torm, Wolfchant e Varg. O novo álbum já está pronto, estamos apenas esperando fechar um contrato com uma gravadora para lançá-lo. O material está matador! Enquanto isso, Peter está trabalhando no nosso novo videoclipe e lyric videos promocionais.

HELL DIVINE: Você trabalhou com bandas mundialmente conhecidas. Existe alguma que ainda não trabalhou e gostaria muito? Como estão seus projetos futuros?

Gyula Havancsák: Sou fã do Annihilator desde a infância, quando lançaram o “Alice In Hell”. Hoje tenho 37 anos, trabalhei com bandas como Arkona, Tyr, Glenn Hughes, Nightingale, Accept, etc. Gostaria de trabalhar com o King Diamond, Fates Warning, Arcturus, Ulver, King’s X, etc. No momento estou trabalhando com os próximos discos do Tyr e Sirenia.

HELL DIVINE: Além de trabalhar com arte, o que mais gosta de fazer no tempo livre? Curte videogames, quadrinhos, coisas do tipo?

Gyula Havancsák: Trabalho também com o desenvolvimento de jogos de computador desde 2011, mas não gosto de games (risos)! Não tenho tempo para jogar. Não leio tanto quadrinhos, prefiro ler os livros tradicionais, de história, fotos ou artes. Quando tenho um tempo livre, gosto de estar com meu filho e ver filmes. Tento, às vezes compor algumas músicas, espero conseguir gravá-las ainda esse ano.

HELL DIVINE: Pra finalizar, quais bandas de Heavy Metal você anda ouvindo ultimamente e que possa nos recomendar?

Gyula Havancsák: Gosto de vários tipos de música, mas obviamente ouço mais metal. Quando estou trabalhando, gosto de ouvir trilhas sonoras de filmes. Posso ir facilmente de uma Bjork para um Limbonic Art. Enquanto respondia essa entrevista, estive ouvindo o novo disco do Nightingale. Posso recomendar pra vocês o novo trabalho do Anaal Nathrakh, Witherscape, Wardruna, Red Dragon Cartel, Triptykon, Twilight Of The Gods e os mais recentes do Ulver, Accept e Marty Friedman!



ENTREVISTA



ALÉM DE FRONTEIRAS E DOGMAS

O Zaltana mostrou esse ano, com seu álbum de estreia, que leva o nome da banda que veio para chacoalhar com rótulos e dogmas dentro do metal. Apostando em uma maneira diferenciada de se fazer música, Mischa Marmade (vocal), Dann Feltrin e Hilton Torres (guitarras) e Tito Falaschi (bateria), além de gravar o baixo no CD mostram uma forma que foge do ponto comum e aponta para novas direções dentro do metal. E lá fomos nós, aproveitando que o momento é ótimo, já que a banda acaba de encontrar um baixista fixo em Caio Pamplona, bater um papo com o grupo.

Por Marcos “Big Daddy” Garcia

HELL DIVINE: Primeiramente, queremos agradecer por nos conceder essa entrevista, e logo de cara a pergunta: como foi que surgiu o Zaltana? Como vocês se reuniram e como surgiu a ideia para uma nova banda? Já se conheciam de outros trabalhos musicais? E de onde veio o nome Zaltana?

Mischa Marmade: Nós que agradecemos o convite da Hell Divine, somos muito gratos pelo espaço que estão nos dando e aproveitamos para elogiar o trabalho de vocês com as bandas nacionais. O Zaltana surgiu em 2012 entre os amigos Mischa Marmade, Dann Feltrin e Hilton Torres que levaram o projeto de gravação para o Tito Falaschi, que inicialmente seria o produtor musical. Nunca tocamos juntos antes, mas já nos conhecíamos. Atuando na cena, a gente vai conhecendo o pessoal (risos). Enfim, fomos mostrando o trabalho pro Tito, que gostou muito. Como estávamos sem baterista, e ele sempre teve o sonho de tocar bateria, ensaiamos juntos um dia e a química aconteceu na hora! Ele acabou atuando como baterista e produtor. O nome Zaltana é um nome indígena e significa “montanha alta”. Gostamos da sonoridade e o que ela nos remete. Acredito que nos permite enxergar afrente e, ao mesmo tempo, reverenciar o passado e encontrar nossas raízes.

HELL DIVINE: Um dos aspectos mais legais de “Zaltana”, em termos musicais, é justamente que o trabalho espontâneo que fizeram resultou em uma música nova, vibrante, cheia de energia. É algo novo e bem diferente, logo, a pergunta é: como chegaram até esse nível tão rapidamente? O primeiro CD já se mostra algo fantástico, o próximo então deve ser algo fabuloso.

Mischa Marmade: Bem, cada um de nós já passou por diversas bandas de várias regiões do Brasil, tocando, produzindo e fazendo arranjos também para outros grupos e artistas. Cada um trouxe boa experiência e certos diferenciais e influências. Juntando tudo com a produção do Tito, chegamos ao Zaltana.

HELL DIVINE: Ainda falando das músicas, como se dá o processo de composição entre vocês? Como as ideias surgem? Ao ouvirmos “Zaltana”, torno a afirmar, tudo soa extremamente espontâneo, sem nenhum tipo de pressão para que seja seguido esse ou aquele padrão ou rumo.

Mischa Marmade: O processo de composição é bem rápido e dinâmico. Cada um traz algumas ideias pré-gravadas e com a química que temos, trabalhamos em cima, modificando ou criando linhas complementares e em poucas semanas conseguimos um álbum completo.

HELL DIVINE: Essa é para o Tito: você já se mostrava um multi-instrumentista há tempos, mas em “Zaltana” se dedicou ao baixo e à bateria e na época do SYMBOLS você era baixista. Por que preferiu ficar na bateria dessa vez? E como tem sido a experiência de se dedicar apenas à bateria na banda? Chega a ser um novo desafio? E o que o levou a gravar baixo no CD, sem buscar um baixista para a banda ou mesmo um músico contratado?

Tito Falaschi: Foi sempre um grande sonho tocar bateria pois os meus maiores ídolos sempre foram o Nicko



McBrain, Vinny Appice e o Stewart Copeland, do The Police. Porém, o instrumento era muito caro e antigamente não tinha condições de comprar. Mas hoje, graças a Deus, eu consigo ter o instrumento do jeito que eu quero e atuando junto com o Zaltana, que tem um estilo bem legal de tocar na bateria, eu estou me realizando. Na verdade, tínhamos um baixista na época, que por problemas pessoais não pôde gravar. Ele tocou conosco por bastante tempo mas acabou saindo alguns meses atrás. Então para agilizar a gravação, o Tito e o Hilton se revezaram no baixo.

HELL DIVINE: Mischa, outro ponto bem diferente do trabalho do grupo está justamente na sua forma de cantar, que vai de vocais mais macios e melódiosos a timbres mais ríspidos e agressivos. Como surgem as ideias de usar nuances e timbres tão diferentes em cada canção? E já que escreve boa parte das letras, como surgem as ideias para elas? E me permita elogiar: a letra de "Heartstrings" realmente emociona o ouvinte.

Mischa Marmade: As ideias surgem enquanto vou escrevendo as letras, já tento ir pensando na rítmica e nas intenções que quero transmitir em cada trecho. Depois levamos tudo pro estúdio, vamos ouvindo e modificando. Algumas frases vão se transformando ao longo dos ensaios também, de acordo com o que sentimos que a música "pede". E assim vamos até gravarmos. As letras vêm de certos temas que queremos trabalhar, assim como as questões sociais do país. Outras vêm do que leio, dos filmes que assisto, de algumas experiências pessoais. Tento detalhar o máximo possível, trabalhar os significados de algumas frases chave, até sentir uma coesão, um começo, um meio e um fim. Em particular, Heartstrings é totalmente pessoal, coloquei todos os sentimentos e eventos que passei na época do acontecido. Foi muito duro e ainda é, me emociono muito com a música, e acredito que acabo transmitindo isso ao ouvinte.

HELL DIVINE: Tudo bem que "Zaltana" foi gravado e produzido aqui, no Brasil, mas qual o motivo de mandar o trabalho para Jochem Jacobs mixá-lo na Holanda? Poxa, Tito, existem trabalhos ótimos seus nesse aspecto.

Tito Falaschi: Dei a ideia de mixar lá fora, pois o Jochem já tinha feito o trabalho com o Almah e era um resultado que a banda inteira, e eu também, por ter produzido o disco, gostei bastante. E o fato de ter feito lá fora foi simplesmente porque em 15 anos de carreira como músico profissional eu nunca tinha feito nenhum trabalho mixado ou gravado lá fora comigo na banda. Foi mais pelo quesito também de ter essa conquista na carreira, muito mais do que pelo fator de qualidade.

HELL DIVINE: Voltando a falar em baixista, agora vocês finalmente acharam Caio Pamplona. Mas como chegaram até ele? Chegaram a existir audições para ocupar a vaga?

Mischa Marmade: A vaga estava em aberto há alguns meses e vínhamos conversando com diversas pessoas interessadas no posto. O Caio foi uma indicação de Hilton, já que ambos vieram para São Paulo da mesma cidade da Bahia. Ele se mostrou bem proativo e fizemos um ensaio

onde ele se encaixou perfeitamente com o nosso som. Acredito que outro diferencial nele é o fato de ele gostar muito das músicas e querer trabalhar conosco no crescimento do Zaltana.

HELL DIVINE: O ZALTANA cria bastante expectativa nesse momento, e muitos estão esperando por um show de vocês. Já existem previsões de shows, e mesmo convites para outros lugares do Brasil ou até mesmo para tocarem no exterior?

Mischa Marmade: Sim, recebemos muitos convites, tanto daqui quanto de alguns lugares na Europa. Mas vamos um passo de cada vez, estamos analisando todas as propostas. Fizemos um show de lançamento no dia 12 de dezembro do ano passado em São Paulo, espero que o público tenha curtido o nosso som ao vivo.

HELL DIVINE: Bem, agora vocês estão no clube das bandas que lançam CDs e precisam, de certa forma, lutar contra a pirataria e compartilhamento de músicas pela internet que andam causando problemas severos. E acreditamos que vocês, como autores do trabalho, possuem direito de falar sua opinião. O espaço é de vocês:

Mischa Marmade: É um assunto bem complexo. Incentivamos todos os fãs a buscarem os meios legais de ouvir nossas músicas. Além de vendas de CDs físicos e arquivos digitais, disponibilizamos todas as músicas nas maiores plataformas de streaming do mercado. É bem simples de cada um criar sua playlist com todas as bandas que curtem, sem precisar desembolsar um centavo, mas ainda apoiando os artistas. Claro que sabemos que ainda há muita pirataria, parte da solução é mostrar para os fãs o quanto isso dificulta o crescimento das bandas que ele gosta.

HELL DIVINE: Desejamos um futuro ótimo para vocês, mas quais os planos, a curto e longo prazo, para o ZALTANA?

Mischa Marmade: Agora vamos fazer shows e trabalhar num clipe oficial. Temos planos de começar a compor nesse próximo semestre também. Sentimos que o nosso álbum foi bem recebido, esperamos poder continuar agradando!

HELL DIVINE: Bem, mais uma vez agradecemos demais pela entrevista e deixamos o espaço para suas considerações finais.

Mischa Marmade: Obrigada Marcos e Hell Divine pela amizade e apoio que vêm nos dando. Nesse pouco tempo já nos ajudaram bastante na divulgação da banda e do nosso álbum. Agradecemos também aos leitores e fãs que nos acompanham sempre mandando mensagens e fotos. É muito bom poder receber essa energia e carinho do público e esperamos poder retribuir nos shows. Espero poder encontrar todos por aí.

ENTREVISTA

VIVENDO SUA MELHOR FASE

ZALTANA



Sabemos que o terreno mineiro sempre teve grande expressão no som pesado em nosso país e essa saga continua se prolongando a cada ano. O Uganga está aí também para mostrar essa força do Metal mineiro e, também, nacional. Manu “Joker” conversou conosco sobre a banda e também falou um pouco sobre seu passado como membro do Sarcófago e sobre os projetos para a banda nesse ano. Confiram!

Por Leandro Fernandes



al. Uganga canta em português e vai continuar assim.

HELL DIVINE: O Uganga é natural de Minas Gerais, terra que é um grande berço do som pesado e que possui grandes bandas conhecidas mundialmente como Sepultura, Sarcófago e os excelentes Irmãos Cavaleira (Max e Iggor), hoje, com o Cavaleira Conspiracy. Com essa força toda, o público enxerga a banda de uma maneira diferente ou hoje não é necessária essa comparação?

Manu “Joker”: Eu gosto dessa comparação, nos motiva a fazer nossa parte cada vez melhor para honrar essa safra tão foda dos anos 80, na qual me incluo, já que estou na ativa desde 1986. Minas Gerais tem um nome muito forte no mundo todo e estamos aqui pra mostrar que nem só de Belo Horizonte vive a cena pesada do nosso estado. O Triângulo Mineiro vem mostrando sua força não é de hoje e bandas como Uganga, Seu Juvenal, Krow, Scourge e tantas outras estão aqui pra não deixar a peteca cair. Agora, que fique claro que não vejo nada de produtivo em tentar ser o novo Sepultura ou o novo Sarcófago. Essas bandas chegaram onde estão por não

tentarem copiar ninguém, criaram sua assinatura a partir de suas referências e é isso que fazemos no Uganga.

HELL DIVINE: O Metal nacional vive um grande momento com o surgimento de grandes bandas e até mesmo ótimas reformulações em bandas já consagradas como o Angra, que conta com um vocalista italiano (Fabio Lione). Como vocês enxergam essa “mistura” de nacionalidades?

Manu “Joker”: Acho da hora, música não tem fronteiras nem bandeiras. No Metal e no Hardcore somos todos irmãos.

HELL DIVINE: A arte da capa do disco “Opressor” é bastante chamativa e interessante, quem foi o responsável pela mesma e qual mensagem ela passa?

Manu “Joker”: Capa e contracapa foram criadas pelo Beto Andrade, um artista de BH, que já tinha trabalhado com a gente no merchandise da segunda turnê europeia, que rolou em 2013. O cara mandou muito bem e captou exatamente o que a gente queria. O encarte ficou com meu irmão Marco, batera do Uganga, que também fez belo trabalho. Acho que tanto capa quanto encarte deixam bem

claros o conceito do “Opressor”.

HELL DIVINE: Essa experiência que você traz dos primórdios do Sarcófago ajuda na produção e composição das músicas?

Manu “Joker”: Eu acredito que sim. Sou baterista e penso nos arranjos desse ponto de vista. Algumas vezes a ideia inicial parte de uma jam acústica somente comigo e o Christian, e nesses casos, eu faço um esboço inicial do groove. Mas mesmo nesse tipo de situação, o Marco acrescenta o estilo dele depois. O Uganga é uma democracia organizada e todos colaboram com as músicas. Sem a união dos cinco não soaríamos como soamos, disso tenho certeza.

HELL DIVINE: Vocês gravaram um disco ao vivo na Europa. O novo debut já chegou por lá? Existe já alguma proposta para uma turnê da banda pelo continente?

Manu “Joker”: Até agora lançamos na Europa o “Vol. 03: Caos Carma Conceito” pela Metal Soldiers de Portugal e eles estão pra soltar uma prensagem do “Eurocaos” por lá também. Quanto ao “Opressor” ainda estamos definindo quem irá lançar, mas com certeza sairá no velho mundo. Em 2016 voltaremos para a nossa terceira tour, já que em 2015 o foco é Brasil e América Latina.

HELL DIVINE: Sabemos que é difícil viver de música em nosso país. A banda está na ativa desde 1993 e o caminho é sempre árduo. Encontramo-nos hoje em uma era tecnológica bastante avançada e para isso possuímos as redes sociais, que ajuda e muito a divulgar, de forma mais rápida, os trabalhos das bandas. Sabemos também que

a pirataria caminha junto a tudo isso, atrapalha de certa forma?

Manu “Joker”: Por um lado, hoje em dia é muito mais fácil você armar uma tour com as mídias digitais e toda essa onda de internet, mp3, etc. O leque de possibilidades para divulgar seu trabalho é infinito. Por outro lado, é ruim, pois as pessoas não pagam mais pela música e as bandas têm que diversificar os produtos para fazer grana, além de tocar o máximo possível. Acho que estamos numa fase de transição onde ainda não temos tudo claro, não sabemos ao certo como a música poderá ser comercializada no futuro. Eu sou da velha guarda e continuo comprando CDs e principalmente vinis, mas quem quiser ficar nessa de pen drive, está tudo certo, cada um na sua (risos). Pode baixar nossas músicas na boa, só não venha piratear nosso CD e ganhar grana nas nossas costas, porque aí o bicho vai pegar legal.

HELL DIVINE: Como foi o ano de 2014 para a banda e o que esperam para o ano de 2015.

Manu “Joker”: O ano de 2014 foi de muito trabalho e, em alguns momentos, de dor também. Creio que todos os integrantes do Uganga passaram por momentos difíceis nesse ano, em especial o Christian e o Rãs, pois além de perderem o pai, teve o lance do tratamento do Christian que já foi inclusive divulgado na imprensa. Lidamos com problemas de trabalho, contusões, separações e outras coisas que nos testaram, mas acho que tudo isso só nos deixou mais fortes e unidos. Vejo 2014 como um ano de treino e plantio, agora em 2015 queremos voltar no gás e colher o que está guardado pra nós, com humildade e trabalho sério.



ANGRA

RENASCENDO DAS CINZAS

Depois de muito tempo sem lançar uma música inédita, o momento que os fãs do Angra mais esperavam finalmente chegou com o novo álbum “Secret Garden” - oitavo trabalho de estúdio do grupo. Esse álbum traz uma renovação de mentalidade e estilo do Angra, como se fosse uma libertação de todos os dogmas criados em cima dos músicos em todos esses anos. Com a pré-produção do renomado produtor Roy Z (Judas Priest, Bruce Dickinson, Halford) e produzido e gravado na Suécia pelo talentoso Jens Bogren (Kreator, Arch Enemy, Opeth), “Secret Garden” reúne uma roupagem contemporânea e composições interessantes – a arte gráfica foi criada pelo desenhista Rodrigo Bastos Didier. Nessa entrevista exclusiva à revista Hell Divine, o baixista Felipe Andreoli conta detalhes do novo álbum, fala sobre Fabio Lione (vocal), Bruno Valverde (bateria) e sobre o futuro da banda. Confira!

Por Thiago Rahal Mauro

Hell Divine: “Secret Garden” é o primeiro disco do Angra com essa nova formação e lançado cinco anos após o último álbum de estúdio. Qual a principal mudança de mentalidade na banda após todas essas mudanças?

Felipe Andreoli: O álbum “Secret Garden” representa uma mudança no Angra de diversas maneiras, mas a principal delas foi a entrada de novos integrantes como o baterista Bruno Valverde e o vocalista Fabio Lione. Só por causa disso, trouxe uma dinâmica nova e maneiras diferentes de compor uma música. A segunda mudança na mentalidade da banda foi que nós queríamos levar o som do Angra para outro nível, algo que nunca tínhamos feito antes. Então é claro que nós temos toda essa bagagem, quando começamos a compor aparecem elementos brasileiros, o Power Metal, mas tentamos trazer o som do Angra para 2015 mais moderno, atual e com as características princi-

pais da banda. Acredito que conseguimos isso, pois tenho lido várias resenhas e as pessoas tem comentado exatamente esse ponto, o que me deixa muito feliz.

Hell Divine: Qual o conceito lírico por trás de “Secret Garden”? Ele é conceitual? Se sim, poderia contar sobre a sua história.

Felipe Andreoli: Sim, ele é álbum conceitual. A história fala sobre um personagem que passa por diversas mudanças de mentalidade no decorrer dos anos. No caso do “Secret Garden”, contamos sobre um cientista bastante cético sobre religião que sofre um acidente de carro ao lado de sua esposa. Ele perde a esposa nesse acidente e fica meses em coma no hospital. Então, quando ele acorda do coma e percebe que perdeu o emprego em seu laboratório e sua mulher morreu começa a ter alucinações com anjos ou elementos paranormais e começa a perceber que é possível, que existe vida ou algo não palpável além do que vemos com nossos olhos. Ele começa a fazer perguntas se o que ele está vendo é algo do cérebro dele ou de outro mundo. E basicamente é essa discussão que o álbum traz. Abordamos diversas maneiras de observar a vida, seja de forma cética ou sobrenatural.

Hell Divine: Ouvindo “Secret Garden” percebemos que a banda quis trazer algo de novo para o som dela. Moderno,

progressivo, mas ao mesmo tempo bastante musical e elementos pop. Foi intencional essa mudança característica na sonoridade do Angra?

Felipe Andreoli: Sim, foi intencional. Como compositores, gostamos de trazer elementos novos e misturar com a nossa característica. É claro que não mudaríamos totalmente as estruturas musicais da banda, mas foi intencional, sim, essa questão de buscar novas maneiras de compor e atrair o público.

Hell Divine: Nos vídeos divulgados pela banda mostrando a pré-produção do novo álbum ficou claro que vocês estavam buscando músicas mais fortes, com refrãos marcantes, etc. O que fizeram vocês a pensar nisso?

Felipe Andreoli: Sem dúvida, mas não somente o Angra busca isso, praticamente todas as bandas dentro do Rock e Heavy Metal buscam um refrão marcante e que tenha impacto. Todo mundo sempre busca o refrão perfeito, que tem uma melodia boa, que faça o fã cantar. Tentamos buscar esse tipo de melodia com um bom equilíbrio, sem forçar nada.

Hell Divine: Qual a premissa principal de “Secret Garden”?

Felipe Andreoli: A premissa principal é a liberdade que nós músicos tivemos para compor, além de explorar novas influências, de mostrar o quanto ganhamos em todos esses anos com experiências vividas com outros músicos sejam eles brasileiros ou estrangeiros. Desde o “Temple Of Shadows” nós buscamos isso, a diferença que eu vejo agora é que temos mais unidade como banda, pois nos sentimos mais livres para compor sem ter de pensar em tudo.

Hell Divine: O álbum teve a pré-produção de Roy Z. Qual o motivo para a escolha dele e qual a importância de pré-produção bem planejada?

Felipe Andreoli: A pré-produção é a parte principal de um disco bem gravado, isso sem contar a gravação em si. A parte de composição é algo mais lúdico, onde o músico se sente mais livre para fazer o que quiser. Na pré-produção, o que fazemos ali é tudo mais objetivo, com o foco nas melodias e de achar o melhor som possível para determinadas músicas. O Roy Z é um amigo da banda e do Paulo Baron, nosso empresário. Ele tem muita bagagem por já ter trabalhado com nomes como Judas Priest, Bruce Dickinson, etc, portanto tudo que ele falou nos ajudou muito. Ele dava toques para arranjos de bateria, por exemplo, o que fez com a música se tornasse mais forte ainda. Sem contar que ele conseguia ler o clima da banda, entender o que estava passando com todo mundo e dar a tranquilidade necessária para cada um dar o melhor. Foi bem legal ele ter aceitado o convite para participar de alguns ensaios conosco.

Hell Divine: “Secret Garden” foi gravado na Europa e produzido e mixado por Jens Bogren. Por que escolheram ele e como foi o trabalho em geral?

Felipe Andreoli: O Jens foi o primeiro nome que nós pensamos para a produção do álbum e ficamos muito felizes quando ele aceitou o trabalho. Ele nós escolhemos porque todos os seus trabalhos recentes mostraram o que nós pensamos ser uma produção moderna. Além disso, todas as bandas que trabalharam com ele tiveram seus grandes álbuns graças à produção e gravação feitas por ele. Outro fator importante foi que ele entendeu, perfeitamente, o som da banda, pois além de tudo conhece muito progressivo e a sonoridade do Angra, então nesse ponto foi muito tranquilo. Quando ele mandou a primeira mix para a banda eu já queria aprovar logo de cara, de tão competente que ele foi. É claro que mudamos algumas coisas, mas boa parte do que ele fez primeiro está no álbum. Ele é, realmente, muito bom.

Hell Divine: O baterista Bruno Valverde entrou no meio da turnê de comemoração de 20 anos do “Angels Cry”. Por que Ricardo Confessori saiu da banda e qual o motivo da escolha de Bruno?

Felipe Andreoli: Depois de tantos anos tocando em bandas e vivendo o metal, o Ricardo queria ficar mais com a família e fazer outros projetos. Por mais chato que seja a troca de um integrante tão importante como ele, nós queríamos fazer da maneira correta e digna. E foi exatamente o que aconteceu. Ele foi muito legal com a banda tocando o restante da turnê com o Angra. Ele tem o seu legado e isso nunca será apagado. Quanto ao Bruno, acho que foi a escolha mais óbvia possível, já que ele toca comigo na banda do Kiko Loureiro. Ele é assustadoramente bom em todos os estilos. Toca Thrash Metal, Death, Power, música brasileira, Jazz, enfim, por todos esses motivos ele foi o escolhido.

Hell Divine: Bruno Valverde não é um baterista da cena metal, mas sim do Fusion, apesar de ser conhecido dos fãs do Angra por conta de seu trabalho com Kiko Loureiro. O que ele trouxe de novo para a banda?

Felipe Andreoli: Sim, realmente ele é um baterista do Fusion. Existem vários tipos de Fusion, como o Rock com Jazz, por exemplo. Ele tem uma facilidade muito grande de tocar qualquer tipo de música e aprende muito rápido. O fato de ele ter trabalhado na noite tocando diversos estilos ajuda na hora de compor, pois ele traz novos elementos que às vezes não tínhamos pensado para determinada música. Ele é um baterista fantástico e muito fácil de trabalhar.

Hell Divine: Toda mudança de vocalista se torna dramática em uma banda, ainda mais no Angra que teve dois vocalistas muito importantes como Andre Matos e Edu Falaschi. Fabio Lione parece ter ajudado para que essa transição ocorresse mais naturalmente. A aceitação por parte dos fãs e da crítica foi bem mais fácil. Como foi trabalhar as músicas de “Secret Garden” especificamente para a voz de Fabio Lione?

Felipe Andreoli: O Fabio Lione é outra pessoa muito fácil de trabalhar. Muito talentoso. Na verdade, ele tem um talento muito natural. Ele ajudou muito com a questão da melodia vocal e, de certa maneira, foi legal ver ele tentando criar coisas novas e diferentes do que ele fez em outras bandas que ele trabalhou. Ele tem uma legião de fãs, tanto no Brasil como no mundo todo, então foi bem mais fácil essa transição. Ter ele conosco agora está sendo muito importante.

Hell Divine: O que Fabio Lione mudou na concepção original do que é o Angra? Vocês tiveram que se adaptar a ele ou foi o contrário?

Felipe Andreoli: Na verdade, ele não mudou nada nesse quesito. Quem compôs as músicas fomos eu, o Kiko e o Rafael. E nós, claro, fizemos as músicas pensando na voz dele, mas ele não mudou a estrutura das composições, apenas deu umas ideias aqui e ali. De todo modo, ele foi muito tranquilo e tentamos deixar as coisas mais coerentes possíveis com a banda.

Hell Divine: A faixa “Newborn Me” é bem diferente para os padrões do Angra. Fale um pouco mais sobre ela, por favor.



Felipe Andreoli: Eu não acho ela tão diferente assim, ela tem toda uma estrutura característica do Angra. Esta faixa poderia estar no “Aurora Consurgens” facilmente, por exemplo. Na verdade, nela vemos bastante o progressivo e o que temos feito atualmente na banda. Se prestar atenção, todos os riffs são baseados no maracatu, o que é bem do Angra. Se eu escutasse essa música e não fosse da banda não iria estranhar, pelo contrário.

Hell Divine: A música “Storm of Emotions” foi escolhida para ser videoclipe. Dois fatos são bem diferentes nela: o uso do baixo como parte principal da composição e a participação do guitarrista Rafael Bittencourt nos vocais ao lado de Fabio Lione. De quem foi essa ideia?

Felipe Andreoli: Eu tinha o riff inicial dessa música já pronto, só não sabia em qual projeto iria usar. Dessa maneira, mostrei para o Rafael e o Kiko e eles gostaram bastante. Ela tem esse lado mais progressivo, que é bem legal. A ideia de o Rafael cantar já é algo mais antigo, queríamos explorar mais isso, pois ele canta muito e tem um timbre

bem peculiar. Ele tem se tornado um cantor melhor a cada dia mais e isso tem ajudado a banda. O fato de termos o Fabio na banda ajudou também, já que ele é da Itália e se precisarmos nos apresentar sem ele, o Rafael tem dado conta do recado. A interpretação também foi um fator importante, pois o Fabio poderia ter cantado ela sozinho, mas o Rafael deu um toque diferente e tornou tudo mais especial.

Hell Divine: Na música “Crushing Room” a vocalista Doro Pesch fez uma participação especial cantando ao lado do Rafael Bittencourt. De quem foi a ideia e como foi gravar com ela?

Felipe Andreoli: Essa era uma música que o Rafael queria cantar desde o processo de composição, então foi meio que natural. Em todos os ensaios ele já cantava essa conosco e realmente ficou bem legal com ela. Ter a Doro Pesch nessa música foi muito importante e deu outro toque para a composição.

Hell Divine: Os fãs podem ficar tranquilos quanto a continuidade de Fabio Lione no Angra após a turnê de divulgação de “Secret Garden”?

Felipe Andreoli: Sim, podem ficar tranquilos. O Fabio Lione é a voz da banda, inclusive temos muitos planos para ele em um futuro próximo. Com diz o velho ditado popular, em time que está ganhando, não se mexe. Portanto, teremos o Fabio conosco por muitos e muitos anos.

Hell Divine: Por fim, quais os planos da banda para 2015?

Felipe Andreoli: Temos muitos planos, mas o principal deles é sair em turnê e tocar no mundo todo. Temos datas marcadas em vários festivais europeus, no Japão e inclusive vamos tocar no festival ProgPower dos EUA. Enfim, a ideia é chegar o mais perto possível dos fãs. Peço que escutem o álbum sem pretensões ou comparações. Pensem no momento atual da banda e curtam o álbum por ele mesmo. Obrigado pelo apoio de sempre e nos vemos na estrada!

Mixado e masterizado na Suécia por Fredrik Nordström
(Dimmu Borgir, Opeth)

Capa e encarte criados na Grécia por Seth Siro Anton
(Nile, Paradise Lost, Moonspell)



tellus terror

MMS | MIXED METAL STYLES

“Uma experiência completamente nova” – Metal Samsara

“Desde já um clássico!” – Hell Divine

“Um grande vencedor, sem dúvida!” – Metal Temple (Grécia)

“Forte candidata a conquistar todos os cantos” – Grind Underground

“Um trabalho primoroso” – Heavy Metal Brasil

“EZ Life DV8 é altamente viciante” – Explicitly Intense (EUA)

“Criaram um disco magnífico e único” – Imprensa do Rock

“Um dos grandes lançamentos nacionais de 2014” – Whiplash

“Um trabalho impressionante” – Vendetta Metal Magazine (Finlândia)

“Originalidade de sobra” – Brasil Metal História

“Estreia primorosamente” – Roadie Crew

“Um dos melhores álbuns deste ano” – A Música Continua a Mesma

“Criatividade, técnica e ousadia” – Underground Resistance Brasil

WWW.TELLUSTERROR.COM.BR

TELLUSTERROR@TELLUSTERROR.COM.BR FACEBOOK.COM.BR/TELLUSTERROR

APOIO
TERRITORY
PRODUCTIONS
MUSIC VIDEOS

IMPRENSA
METAL
MEDIA
MINDS THAT ROCK

ENDORSEMENT
Gustavo Cebrian
LUTHIER

DISTRIBUIÇÃO
BRASIL/AMÉRICA LATINA
Shinigami
死神
Records

LANÇAMENTO EUROPA
DISTRIBUIÇÃO EUA E JAPÃO
THRASHMET

SECRET GARDEN POR MARIO LINHARES

(VOCALISTA DA BANDA DARK AVENGER)

Talento, boas composições, técnica e bom gosto, elementos que tornam o Angra um grupo musical de qualidade indiscutível. Desde o multiplatinado “Angel’s Cry” e o indefectível “Temple Of Shadows” a banda presenteia seus fãs com canções bem escritas, tanto instrumental quanto poeticamente. As características nacionais que a banda adiciona ao seu trabalho desde o aclamado “Holy Land” tornaram-se a marca registrada de quem não tem medo de ousar e evidenciar a sua brasilidade. E era isso que se esperava no novo disco da banda, o tão aguardado “Secret Garden”, uma vez que este contaria com a voz de Fabio Lione, cantor com timbre operístico forte e conhecido por seus inúmeros trabalhos musicais, em especial com o Rhapsody of Fire da Itália.

Fabio Lione é mais uma grande voz a dar suporte às canções do grupo. Ressalte-se que a banda sempre teve excelentes cantores e, as alternâncias de vocalistas na banda, sempre seguidas de traumáticas reações por parte dos fãs do grupo, só serviram para evidenciar algo só possível de se perceber na esteira do tempo, que seja, Rafael Bittencourt é a alma da banda, quer pelo percentual de participação nas composições do grupo, quer por sua relevância na parte poética das músicas, onde este escreve a maioria dos conceitos e letras, quer por sua técnica elevada advinda de muito estudo e conhecimento musical, quer pela perseverança em manter o grupo nos momentos mais difíceis, mas principalmente pela entrega nas atividades que este começa a tomar para si nos novos rumos da banda, haja visto este colocar voz em várias composições do novo disco, seara bem difícil para um guitarrista mas que, uma vez efetuada com êxito, servirá para alavancar ainda mais sua carreira, como já o faz Lenny Kravitz, Richie Kotzen, entre outros. E o disco não decepciona. Todos os elementos que legitimam a banda e seus instrumentistas estão ali: técnica, precisão, estética musical apurada e uma história a ser contada, de novo por Rafael Bittencourt. Mas algo salta aos ouvidos de quem ouve o disco como



um todo: a ausência da unicidade de elementos que serve de alicerce para a identidade da banda e que a tornou reconhecível e reconhecida. As composições da banda sempre tiveram como pièce de résistance o instrumental rebuscado, tão rico em elementos e informações que nunca permitiu uma soberania das linhas melódicas, a não ser que intencional. Ao ouvir ao disco at a glance (se é que é possível enxergar a música de relance) o ouvinte pode optar em se deixar levar pela alta qualidade das composições como “Newborn Me”, “Black Hearted Soul” e se esquecer que estas remetem imediatamente a trabalhos de outras bandas como Athena e Rhapsody (todas ex-bandas de Fábio Lione), sendo que a pesada “Final Light” parece mais ser um trabalho solo de Fábio, haja vista a simplicidade instrumental desta. A jazzística “Storm of Emotions” repete a fórmula anterior com a introdução da voz de Rafael que,

em cima de uma base new metal, desfila e interpreta os sentimentos da música melhor que Fabio.

Uma característica que se evidenciou em várias músicas foram a execução de solos sempre após uma pausa ou silêncio, uma repetição de modus operandi muito alheio às características da banda, incerto se foi acidental ou intencional. A pesadíssima “Violet Sky” repete a fórmula inicial de “Storm of Emotions” só que com a voz de Rafael e minha opinião é que sua intervenção ficou formidável. Embora a música seja simples Rafael consegue impor com sua interpretação os picos e vales necessários à fluidez de sentimentos. Aqui mais uma vez se repete a fórmula “silêncio-solo” e a melodia do verso final em italiano é o diferencial da canção... a cereja do bolo. A impressão é que a banda tenta se parecer mais “World” ao se aproximar de artistas que tem se destacado no mercado mundial como Rhapsody, Nightwish, Kamelot, etc. Essa sensação fica mais evidenciada na fraquíssima Secret Garden, de composição de Maria Ilmoniemi, que parece uma canção rejeitada pelo Nightwish e, de tão deslocada do conjunto de tão simplória em termos musicais, parece mais uma imposição que uma escolha. As levadas de baixo de “Upper Levels” evidenciam tudo que eu quis dizer com “Identidade Angra”... Ali está a banda em toda sua capacidade compositiva, seja nas mudanças de movimentos que servem de base para as melodias de vocais, sejam nas levadas e quebradas que tornam necessária uma melodia rica em métrica e semântica para que se tenha um resultado final satisfatório. E o Angra entrega o produto com maestria em “Upper Levels”. Os vocalizes ao estilo Yes nos versos de “The farther the star...” são a prova de que a banda não esqueceu suas raízes e não tem medo de arriscar e mostrar toda a sua capacidade técnica, embora a fórmula “silêncio-solo” também se repita aqui e uma teimosia em querer soar Dream Theater fosse totalmente dispensável. Em “Upper Levels” vê-se o equilíbrio instrumental/melodia característico do Angra. Em “Crushing Room” pode-se dizer que está se ouvindo uma música da Tarja Turunen da época “My Winter Storm” tamanha semelhança de estrutura e ambientação. Uma música bonita mas simples e cuja participação de Doro acrescenta nenhum diferencial. “Perfect Symmetry” é um mix de Rhapsody (evidenciada na voz alta de Lione) e o Angra. É como se houvessem emprestado os instrumentistas da banda para uma das



obras orquestrais e megalomaniacas da banda italiana. A todo momento eu fiquei esperando entrar a voz do Christopher Lee (que ainda bem não apareceu).

E eis que finalmente aparece a mais bela composição da banda para este disco, seja pela parte poética, seja pelas inúmeras camadas de vocalizes que complementam a necessariamente simples harmonia.

“Silent Call” remete imediatamente às composições de Simon & Garfunkel do início dos anos 70 como “The Only Living Boy in New York” e sua simplicidade esconde uma riqueza de arranjos com harmonds passeando aqui e ali, e generosas camadas de vocalizes graves (coisa rara de se ver) e a voz espetacular de Rafael Bittencourt que interpreta magistralmente uma letra de uma construção semântica formidável.

Os diferentes registros vocais que Rafael apresenta na interpretação nessa música, e no disco como um todo, apresentam um amadurecimento que, na minha opinião, o capacitam totalmente a assumir os vocais da banda, solidificando e legitimando de vez o necessário resgate da identidade da banda.

“Secret Garden” é um bom disco. Daqueles que pode-se colocar na playlist sem medo de errar, com exceção da faixa título de tão obtusa, chata e deslocada que é não deveria dar nome ao álbum que, no entanto, carece ainda de ter em seu DNA o carimbo de 100% Angra, muito embora tenha sido composto pelo binômio Rafael/Kiko, ou quase.

OH, DAT ARTWORK!

Por Pedro Humangous



Como assim não conhecem a história bíblica da Ema Encantada que abriu as águas dos mares? Papiros antigos diziam que o mito era verdadeiro. A ave, enviada do futuro para exterminar John Connor, era uma criatura de raros poderes. Veloz como o The Flash (reparem nas flechas do uniforme), olhar penetrante como o do Ciclope (dos X-Men) e garras fluorescentes capazes de fazer o chão estremecer! Certamente os adereços de couro, correntes e spikes (emprestados por Rob Halford) davam-lhe mais poderes – e mais estilo, claro. Incrível mesmo é conseguir abrir um mar de almas malignas, revelando inscrições egípcias importantíssimas para a história – o “olho que tudo vê”, do Sauron. Pelo visto, tem alguém lá em cima que não está muito contente com toda essa audácia. Será a Ema capaz de abrir os céus também? Cenas do próximo álbum da banda Lancer.

Pra você que se interessou, a banda “Lancer” foi formada, na Suécia, em 2009. Lançaram uma Demo, um EP e esse álbum autointitulado, todos voltados para o “Power Metal”. Apesar da capa de péssimo gostoa, o som até que é legal. Quem quiser conferir e conhecer mais, acesse: www.facebook.com/lancermetal

ESPECIAL: PILARES DO ABC

Por João Messias Jr.

AÇÃO DIRETA, MX E NECROMANCIA

Hoje em dia é fácil perambular pelos bares, casas de shows do ABC Paulista e nos depararmos com shows dos mais variados estilos dentro do Rock. Desde festivais mesclando ‘Death/Thrash’ até algo mais voltado ao ‘Alternativo’ e ‘Hardcore’. Mas como eram as coisas antigamente? Que bandas as pessoas ouviam?

Bom, essa não é uma tarefa muito simples de explicar, pois quem acompanhou o circuito nesses 20 ou 30 anos viu muitas bandas que, para muitos, “estourariam com certeza” porém, do mesmo jeito que apareciam nos shows, desapareciam como num passe de mágica. Vem à mente diversos nomes como Karisma, Acid Storm, Tormenta, Cova, Blasphemer e muitas outras. Isso só do segmento mais pesado. Hoje o papo será sobre três bandas que, de certa, forma estão na boca dos caras das antigas (e da molecada) daqui: Ação Direta, MX e Necromancia.

Na estrada desde o final dos anos 80 e tendo sempre à frente o vocalista Gepeto, o “Ação Direta” unia em sua música elementos do ‘Hardcore’ (letras) e ‘Thrash’ (instrumental), sempre de forma direta e sem rodeios, possuindo clássicos como “Entre A Benção e o Caos” (1997), “Massacre Humano” (2006) e o mais recente lançamento, o álbum “World Freak Show” (2012), que receberá uma versão em vinil neste ano. Interessante comparar que, através dos anos, a banda foi se aproximando cada vez mais do ‘Metal’ em seus últimos trabalhos, como no último registro de estúdio que, graças à produção esmerada de Marcello Pompeu (Korzus), além de músicas definitivas como “Zeitgeist”, “Useless Complex” e “Forced Needs”. A energia do quarteto que, além de Gepeto, conta hoje com Pancho (guitarra), Pancho (baixo) e Marcão (bateria, Dead Fish), pode ser conferida nos palcos, local que a banda se apresenta regularmente, além de terem presenteado fãs de todo o país e Europa com seus shows cheios de raiva e música boa. www.acaodiretabrasil.com.br

Mais diretos e bebendo diretamente na veia ‘Thrash’, o “MX”, entre algumas idas e vindas, possui 30 anos de estrada sendo que no fim da década de 80 era tratado como o “novo Sepultu-



ra". Mas a música do quarteto era mais direcionada para o 'Hardcore', com coros e inteligentes divisões vocais de Morto (guitarra) e Alexandre (bateria), ficando assim sua música conhecida nacionalmente graças ao lançamento do LP "Headthrashers Live", um split que contou também com as bandas Cova, Necromancia e Blasphemer. Com o lançamento dos LPs "Simoniaca" (1988) e "Mental Slavery" (1989), coroaram essa primeira fase da banda, que chegou ao final no início dos anos 90. Após uma pausa, houve um retorno do grupo que contava com Morto (guitarra), Alexandre (bateria), CM (guitarra) e Dumbo (baixo), soltando o álbum "Again" (1995), que contou com músicas que nunca haviam sido lançadas mais a clássica "Dirty Beach" e o álbum "Mental Slavery". Três anos depois lançam "The Last File", que mantém a veia 'Thrash', pecando pela falta de um selo maior de divulgação.

Após um sumiço, a banda retorna em 2012 com Décio (guitarra), Dumbo (guitarra/baixo), Morto (guitarra/baixo/vocal) e Alexandre (bateria/vocal), com vários shows pelo país e América do Sul, lançando em 2014 o álbum "Re-Lapse", que conta com regravações dos álbuns "Simoniaca" e "Mental Slavery", cuja escolha foi feita pelos fãs através de uma enquete nas redes sociais. O trabalho citado mostra o poder de fogo dos thrashers, aliado a uma ótima gravação, além de uma inusitada versão para "Fighting For the Bastards", que conta com os vocais de João Gordo (Ratos de Porão).

Um excelente retorno que nos deixa animados quanto ao futuro!

www.bandamx.com.br

Também parte da "Headthrashers Live", o "Necromancia" teve suas atividades iniciadas em 1984 e, dentre outras coisas, está com a mesma formação há mais de duas décadas, contando com Marcelo "Índio" D'Castro (guitarra/vocal), Roberto Fornero (baixo) e Kiko D'Castro (bateria) e esse time gravou os álbuns "Necromancia" (1996), dona do clássico "No Way Out", "Check Mate" (2001) e "Back From the Dead" (2012). Interessante de ouvir a discografia do trio é ver a transição de estilos, desde a linha mais metal tradicional do debut, à linha mais variada do segundo disco até a mais recente fase, brutal e mais voltada ao 'Thrash' oitentista.

Outro fator que chama a atenção do som do "Necromancia" são as linhas de guitarra. Diretamente influenciada por caras como Alex Skolnick (Testament) e Paul Gilbert (Mr. Big), o que faz que as canções soem diferentes do que estamos ouvindo por aí, além da triste constatação de termos um músico subestimado pelos "guitarreiros", assim como o saudoso Hécio Aguirra (Golpe de Estado), falecido em 2014.

A intenção aqui não foi fazer uma biografia cheia de detalhes, mas sim, buscar os pilares do estilo na região, algo que penso que muitos fãs de música, independentemente do estilo que curtem, deveriam fazer, ao invés de ficarem sempre na mesma pedida de Iron Maiden, Metallica e Judas Priest. Não que devamos virar as costas para esses grupos, mas devemos valorizar DE VERDADE o que acontece na sua região.

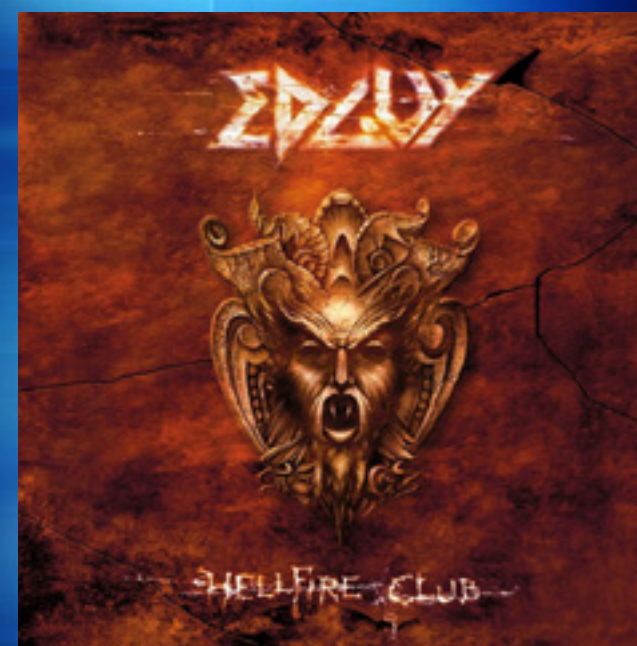
www.necromancia.com.br

EVOLUIU PRA PIOR



Sabemos que Tobias Sammet é um poço de talento sim. Fim! Porém, ultimamente, sua banda "Edguy" vem lançando discos bem fracos e o último debut da banda "Space Police: Defenders of the Crown" mostrou que realmente a banda se perdeu no tempo, a começar pela capa que é bastante fraca, fugindo à temática da banda e músicas com pouca empolgação, cansativas. Hoje eles tem mostrado certa preguiça ao criar belas canções como as passado e a forma clichê e bem previsível ao finalizar os trabalhos chegam a ser hilárias. A banda obteve momentos de glórias quando surgiram com grandes petardos como "Vain Glory Opera", o excelente, perfeito, "Mandrake" e também com o ótimo "Hellfire Club", que possui a épica "We Don't Need a Hero"; valendo lembrar também de seu projeto "Avantasia", que carimba um dos melhores momentos do frontman com os dois primeiros lançamentos, que são de cair o queixo! Após isso, a banda se mostra imatura e fraca. Não sabemos ao certo a que se deve criar músicas sem inspiração alguma; o calibre de talento que possuem ficou preso ao passado. Podemos sim esperar algo de bom ainda, pois a banda pouco mudou sua formação e sabemos que os mesmos podem mostrar algo que realmente poderá impactar e trazer de volta aquela energia e vigor que outrora existiram. Por mais obsoleto que o famoso metal melódico possa estar, bandas que ainda vivem dele conseguem mostrar sempre que pode se inovar sem perder a magia.

Por Leandro Fernandes



A NOVA SAFRA STONER ROCK/METAL

Por Junior Frascá

Bom, resolvi escrever um texto sobre o 'Stoner Rock' por se tratar de um dos estilos de maior ascensão no 'Underground' atual pois nunca tal gênero da música pesada teve tantos representantes, lançando discos de tamanha qualidade, como hoje em dia.

Com uma sonoridade bem intensa e trazendo elementos de outros estilos, como 'Hard Rock', 'Doom', 'Space Rock' e 'Rock Psicodélico', com muitas variações junto a outros estilos, como o 'Thrash Metal', o 'Sludge' e o 'Southern Rock', o 'Stoner' é caracterizado especialmente pela presença de riffs marcantes e classudos, cheios de vibração e groove, que grudam instantaneamente na cabeça do ouvinte. Além disso, uma cozinha diretona e agressiva, com baixo bem presente e grave, linhas vocais melódicas e ácidas, além de um contexto todo retrô (incluindo a produção suja e sem muita frescura), são marcas presentes no som da maioria das bandas que se aventura por seus meandros.

Muitos datam o início do movimento 'Stoner' ao início da década de 90, com bandas como KYUSS e SLEEP, mas, na realidade, o estilo surgiu com o próprio advento do 'Heavy Metal', com o BLACK SABBATH e outras bandas obscuras do final da década de 60 em diante como BLUE CHEER, BLUE OYSTER CULT, dentre várias outras. Posteriormente, bandas como CATHEDRAL, MONSTER MAGNETIC, SPIRITUAL BEGGAR, KARMA TO BURN, FU MANCHU, WO FAT, THE MUSHROOM RIVER BAND, além dos já citados KYUSS e SLEEP, foram dando continuidade ao movimento 'Stoner'. Ou seja, trata-se de uma vertente da música pesada que sempre teve uma grande quantidade de admiradores e, embora algumas das bandas mais recentes que podem ser enquadradas no estilo possuam uma atenção maior da mídia (como QUEENS OF THE STONE AGE, BLACK STONE CHERRY e WOLFMOTHER, por exemplo), a esmagadora maioria está adstrita ao 'Underground' e, mesmo assim, sem tanto destaque como outros estilos, 'Thrash', 'Hard



Rock' e 'Power Metal', por exemplo.

Porém, como dito no início deste texto, atualmente há uma nova safra de bandas do estilo que tem feito um trabalho excelente, fazendo deste um dos períodos mais prolíficos do estilo em anos.

Apenas para citar alguns nomes dessa nova leva de bandas, e sem a intenção de citar todas as melhores, para quem curte um som mais viajado, retro e psicodélico, RADIO MOSCOW, THE CRYSTAL CARAVAN, TORCHE e THE VINTAGE CARAVAN (formada por um trio de garotos islandeses) são indicações certeiras; já quem procura por algo mais obscuro e com forte ligação com o 'Sludge', LORD DYING, BLACK TUSK, HOWL e RED FANG são bandas que vem conseguindo um grande destaque no cenário; mas se você procura por novas bandas mais características do 'Stoner', com uma pegada mais direta e crua, SASQUATCH, KYNG, LONELY KAMEL, STONEWALL NOISE ORCHESTRA, BAND OF SPICE, CROBOT, MALIGNO (ótima banda Mexicana), MOTHERSHIP, TRUCKFIGHTERS, FREEDOM HAWK, VALIENT THORR, MOS GENERATOR, CHURCH OF MISERY (direto do Japão, com letras tratando de assassinos famosos), ROBOT LORDS OF TOKYO e BLACK SPIDERS são bons nomes para você se aventurar pelo o quê de melhor o estilo pode proporcionar atualmente.

Portanto, como você pode ver, nenhuma das bandas citadas possui um grande sucesso, ou mesmo um destaque maior na cena, por vários motivos quais não valem a pena ser citados, mas jamais pela falta de competência e boa música criada por elas.

Assim, o 'Stoner Metal/Rock' é um estilo interessantíssimo, cheio de possibilidades para os amantes da música pesada. Se você ainda não conhece, vale muito a pena ao menos dar uma chance às bandas citadas, dentre várias outras. Difícil que isso não se torne um caminho sem volta, tornar-se fã.

Com isso, meu caro amigo leitor, abra uma boa cerveja, aumente o som e divirta-se!

RESENHAS



Unmasked Brains
Machina
Independente

7294
9,0

Por Pedro Humangous

O Rio de Janeiro ferve! Seja pelas altas temperaturas ou simplesmente pela forte cena Heavy Metal, que ressurgiu com força total! E o Unmasked Brains não só vem para fortalecer esse grupo de bandas cariocas, como vem para trazer sangue novo ao Metal brasileiro – e por que não mundial!? Hoje em dia é muito difícil ser inovador, mas o grupo formado por Reinaldo Leal (vocal e guitarra), LGC (guitarra), Denner Campolina (baixo) e Elcio Pineschi (bateria), definitivamente conseguiu! “Machina” traz de tudo um pouco, um liquidificador de estilos, misturando Prog, Thrash, Jazz e toda a modernidade possível, sem soar pasteurizado ou genérico. Tudo aqui tem seu propósito, tudo muito bem costurado e encaixado em seu devido lugar. É incrível a capacidade desses músicos de criar algo cativante, intenso e acessível. Estou em contato com todo tipo de lançamento há anos e confesso que poucas bandas me surpreenderam tanto com seu primeiro trabalho oficial como este aqui. O Unmasked Brains traz uma essência diferenciada, preocupados tanto com a parte estética visual quanto musical – os músicos se apresentam ao vivo uniformizados, tudo baseado na temática futurista do disco, arte da capa e encarte (arte feita por Jobert Mello, inspirada no mestre H.R. Giger). O álbum é uma viagem pura, te leva a lugares inusitados e desvia o caminho a todo momento, tornando sua audição no mínimo surpreendente. A produção do disco ficou muito boa, com extrema qualidade de gravação, mixagem e masterização, as músicas ganharam mais punch, soando cristalinas e extremas ao mesmo tempo, tudo muito bem equalizado. Difícil e injusto apontar algum destaque nesse belo conjunto de composições, porém, diria que minha preferida foi a longa “Controversies Of The War” - complexa, de difícil digestão, mas estranhamente viciante. Não deixe de ouvir essa banda, um álbum surpreendente de um expoente do Metal nacional que merece ganhar o reconhecimento mundial. Despretensioso e certo!



Symptomen
Into the Future
Die Fight Records

7294
8,0

Por Leandro Fernandes

Segundo disco da banda e já mostrando que realmente estão preparados para o mundo, o “Symptomen” conseguiu um belo feito em suas músicas: identificar realmente o som em que investem. Encontramos um ‘Heavy Metal’ oitentista e bem original, apresentando também uma grande evolução com relação ao primeiro trabalho. Podemos destacar aqui, com unanimidade o trabalho de guitarras, bastante limpo e muito bem produzido; vocais potentes com influências claras de uma das lendas do ‘Heavy Metal’ Rob Halford; baixo e bateria fazendo uma cozinha bem variada e coesa, trazendo muito peso e habilidade. A potência que a banda mostra é logo percebida na faixa de abertura “Into The Future”, com uma pegada realmente pesada e homogênea. “2 Lives 2 Live” te leva diretamente aos anos 80, com belos coros e um refrão bem manjado. Grande música! “About To Blow” esbarra facilmente no Mötley Crue: rápida, contagiante, e as guitarras fazendo um show à parte. Com riffs completamente limpos e bem produzidos, “Payback Time” é bastante cadenciada e, ao mesmo tempo, intensa, assim como “The Eye of The Universe” podendo arriscar a dizer ser a melhor música do compilado. A produção intensa de riffs continua em “Heavy Metal in Blood”; o nome diz tudo. Excelente música! Partindo para o final do disco, temos duas grandes canções. “Glory Night” e “Freedom War”, podem ser percebidas um peso diferente das demais e, nas mesmas, o ‘Heavy Metal’ mais inovado é prioridade. Encerrando com “Goodbye”,

temos uma balada que no início soará um pouco estranha, mas logo se torna fácil sua aceitação. O “Symptomen” produziu um bom disco e com toda certeza irão crescer muito mais. Ouça e tire suas conclusões!



**Clamus
III
Rising Records**

8,0

Por Cupim Lombardi

“Hail ao Death Metal brasileiro!” foi o que pensei na hora em que me peguei banguendo ouvindo esse EP dos Cearenses do “Clamus”. Apesar de ser um EP com somente três músicas, valeu muito a pena! A produção está muito boa e pesada, todos os instrumentos bem dosados, resultando em um ‘Death Metal’ de alto nível. A banda, que não soltava nada desde 2009, vem com nova formação e violência. A primeira música “Colônia”, única em português, tem uma boa lírica, porém achei que foge um pouco da proposta das músicas posteriores ao utilizarem elementos de ‘Death Metal’ mais modernos, mas

não tira nem um pouco a vontade apreciá-la. Cabe destacar que quem assume os vocais são o baixista Felipe Ferreira e o guitarrista Lucas Gurgel, que conseguiram dar um ótimo rumo na proposta da banda. Sonzeira que deve deixar curiosos para um full lenght.



**NoWay
Rise Of Insanity
Warlock Produções**

9,0

Por Rybanna Monturil

“Rise Of Insanity”, primeiro álbum do “NoWay”, que tem sua arte assinada por João Duarte, mixagem e masterização por Tito Falaschi (Do It Studios), foi lançado em 2014 pela Warlock Produções com distribuição da Eternal Records. Contando com dez faixas, o álbum apresenta velocidade e precisão, onde os vocais de Diana Arnos podem se destacar lindamente. Embora se apresente como um álbum de ‘Thrash Metal’, a faixa “We Will Take You Down” começa mais amena e lembra muito o jeitinho da banda “Vixen”, dando um charme ao álbum e contribuindo também para uma variedade maior que o

grupo pode trazer, não se limitando. “Leading Way To Suicide” é o tiro certo do álbum; é daquelas faixas que você gosta de primeira. “Gates to Hell” não fica atrás da faixa anteriormente citada, com riffs rápidos, vocais rasgados e um baixo preciso; é uma ótima pedida juntamente com “Let the Blood Run”, que tem um solo melódico e preciso. Quem gosta de música rápida e brutal, vai amar este álbum, que mescla ‘Heavy’ e ‘Thrash Metal’ numa boa, sem soar datado meramente comum.



**Amen Corner
Christ Worldwide Corporation
Cogumelo Records**

8,0

Por Pedro Humangous

Comemorar vinte anos de carreira não é pra qualquer banda. O mais legal é que quem ganha o presente são os fãs: CD + DVD em um digipack de luxo, todo caprichado! Falar da história do “Amen Corner” ou de sua importância para o underground nacional é chover no molhado. O que realmente importa é que estão na ativa e lançando mais um belo trabalho. “Christ Worldwide Corporation” mantém a essência do grupo intacta, aquele som característico tão difícil de ser rotulado. A linha mestre é o ‘Black Metal’, porém a banda

mistura com maestria diversos outros estilos como ‘Death’, ‘Doom’, e ‘Thrash’. Os vocais de “Sucoth Benoth” são um destaque à parte, indo desde sussurros maléficos a urros engasgados pelo ódio ao vociferar suas letras – a performance e efeitos usados em “The Death That Comes From The Sky” são assustadoras. O instrumental consegue misturar bem os momentos mais melódicos e os mais sombrios, dosando entre a velocidade e a cadência, deixando as composições bem variadas e, conseqüentemente, uma audição agradável e não cansativa. Chegaram a um equilíbrio legal entre a pegada ‘old school’ e a gravação limpa e mais moderna, sem perder identidade. Não espere por nada técnico demais, a ordem aqui é dar o recado de forma simples e reta, mas bastante efetiva. A arte da capa ficou muito bem feita, e deixa explícita o repúdio da banda ao cristianismo – fora o tema das letras como “Say Yes To Satanas”, entre outras. O disco traz as participações especiais de Angel (ex-Vulcano), Moloch (Doomsday Ceremony), Baal Anamelech (Dark Songs Of Megiddo e Camos) e Caos (Camos). No DVD, temos alguns vídeos de músicas ao vivo (em vários lugares e épocas diferentes – de 1993 a 2011) que estão bem toscas, tanto na qualidade de áudio quanto de vídeo, mas valem como registro histórico. Constan ainda videocliques e um extenso e interessante documentário passando pela história da banda. Um belo registro, digno do “Amen Corner”. Serve para presentear os antigos fãs e conquistar novos para sua legião de seguidores.



**Greensleeves
Inertial Flames
Independente**

7,0

Por Rybanna Monturil

Trabalhar com Heavy Metal definitivamente não é uma tarefa fácil. Porém, o lado legal da coisa é poder ter contato com as mais diversas bandas e conhecer seus trabalhos. Ainda não tinha ouvido falar do Greensleeves, banda que surgiu em 93 na cidade de Curitiba e após umas idas e vindas, troca de membros e um álbum lançado, o grupo retorna com força total e nos apresenta seu novo trabalho, “Inertial Frames”. Logo de cara dá pra ver a preocupação com a qualidade, tanto na parte gráfica, quanto na produção do disco. A arte da capa foi feita pelo próprio guitarrista Victor Schmidlin,

que também ficou responsável pela produção e arranjos de teclado. A mixagem e masterização ficaram nas mãos do experiente Caio Duarte (Broadband Studio), também vocalista da banda Dynahead. A essência das composições está no Prog Metal, bastante pesado e diversificado, constantemente flertando com o Metal Tradicional e algumas partes mais Thrash. A quebra incessante de ritmos deixa as músicas interessantes, complexas e de arrepiar – lembrando algo de Dream Theater, Queensryche, Pagan’s Mind e a extinta brasileira Akashic. Gui Nogueira canta muito e é um dos destaques dessa formação, que também conta com Cicero Baggio (guitarras), João Koerner (baixo) e Luis Requião (bateria). Gostei muito do timbre das guitarras e do destaque que o baixo recebeu na mixagem, ficando tudo bem audível e cristalino, nos dando a oportunidade de acompanhar cada linha tocada. As músicas, em sua maioria, são longas e bem variadas, passando por momentos de pura quebradeira e pedal duplo, até alguns belos dedilhados acústicos. Os solos são de tirar o fôlego e sempre são um brilho extra às músicas. Só senti falta de uma pimenta nesse tempero, refrãos mais marcantes. De todo modo, “Inertial Frames” se mostra um álbum consistente e bem trabalhado, uma verdadeira alavanca na carreira do Greensleeves.



Anno Zero
The Next Level
Independente

7294
8,5

Por João Messias Jr.

Música não precisa de rótulos. Se for boa então, basta ouvir e curtir. Assim podemos definir a agradável audição de “The Next Level”, segundo álbum do quinteto piauiense “Anno Zero”. Mesclando metal, gótico, alternativo, eletrônico e pop, o hoje quinteto formado por Fyb C (voz e guitarra), André Melo (guitarra), Eduardo Zee (baixo), Chris Gomes (bateria) e Leandro Salles (teclado) fez a miscelânea de forma equilibrada, o que faz com que pessoas que curtem vários estilos de rock ouçam e se apaixonem pela música do

grupo. Impressão reforçada que podemos ver e ouvir desde o bom gosto da capa, e a produção limpa e equilibrada. “Infected” é uma espécie de ‘intro’, que alterna momentos góticos e eletrônicos, funcionando com deixa para a agressiva “Back Down” que, de cara, mostra o belo trabalho de voz, saindo bem nos momentos agressivos (quase guturais) e limpos. Já “Deceptions” é o que podemos chamar de hit, principalmente pela mescla de ‘Gothic’ e ‘Hard’, vindo à cabeça o “Sisters of Mercy” da fase “Vision Thing”. A faixa-título chama a atenção pelos ritmos quebrados e muito groove, enquanto a melodia toma conta de “Another Pleasant Evening”. Outro momento digno de elogios fica para “Public Vídeo Surveillance II” que possui diversas vibes, que vão do ‘Dark’, ‘Metal Tradicional’ e um bem-vindo ‘Maracatu’. Talvez o único pecado do trabalho fique por conta de “Poison Mind”, faltando um refrão à altura de toda estrutura grudenta da canção, mas é apenas um detalhe perante excelente trabalho realizado no álbum que, com certeza, trará belos frutos ao “Anno Zero”.



Mork
Awake
Sulphur Records / Eternal Hatred Records

7294
9,0

Por Pedro Humangous

O Black Metal não é um dos meus estilos preferidos, porém, existe alguma coisa no Mork que me faz curtir muito o seu som. Talvez seja pela mistura inteligente que fazem com o Death Metal ou ainda pela inserção de teclados/sintetizadores no melhor estilo Dimmu Borgir. Talvez seja pelo simples fato de serem bons no que fazem mesmo. A dose extra de melodia que injetam em suas composições me agrada em cheio e fazem com que “Awake” seja mais um belo trabalho na sua discografia. Esse é o terceiro álbum da banda,

que dessa vez foi completamente reformulada. Após a saída de praticamente todos os membros, restaram apenas o vocalista Samhen (que também gravou algumas guitarras, baixo e teclados) e o guitarrista Foizer – a bateria foi gravada pelo músico convidado Victor Lucano (Device, Miasthenia). Desde quando divulgaram a belíssima arte da capa (feita pelo ainda pouco conhecido, mas super talentoso, brasileiro Zakuro Aoyama), já criei fortes expectativas para esse disco, tendo em vista que havia curtido bastante os dois anteriores, “Preposterous” (EP de 2008) e “Exemption” (primeiro full length de 2011). A estrutura das músicas é densa, obscura e com bastante melodia. Os riffs estão primorosos, quase cortantes em contraste com a base sólida. As linhas de bateria são violentas, rápidas e extremas – com muitas viradas e pedal duplo. Os vocais incríveis de Samhen lembram bastante os do Segrath, naquele estilo meio vociferado, falado e rasgado, cuspidos as letras das entranhas diretamente em seus ouvidos. Os teclados, dessa vez um pouco mais discretos, desempenham um papel importante, dando suporte ao restante do instrumental, sem chamar muito a atenção mas fazendo toda a diferença – principalmente no clima que ele gera. O disco todo é impressionante, mas destaco as faixas “Sacrifice” (que me lembrou o Nachtmystium) e “Three Transformations” (veloz e com teclados/orquestrações bem presentes), ambas viciantes! “Awake” é mais um tijolo nessa estrutura sólida que se transformou a carreira do Mork!



Nephusus
Tortuous Ways
Rising Records

7294
9,0

Por Leandro Fernandes

O Nordeste sempre nos deu grandes bandas e a maioria sempre investiu em um som cru, pesado e sem muitas delongas, ou seja, bater cabeça e deslocar pescoços é de praxe. Esse disco foi originalmente lançado em 1991 e o som encontrado aqui é um ‘Death/Thrash’, regados a muito peso e velocidade. “Tortuous Ways” é um disco completamente agressivo, mostrando uma boa pegada e também seguindo a linha do som produzido na época que era bem direto e poucas bandas conseguiam chegar à beira da perfeição. Neste disco

podemos encontrar coisas que lembram os primórdios de grandes bandas como Metallica, Kreator, podendo também citar até o Sepultura. Coisas a serem destacadas aqui são os riffs rápidos na linha ‘Thrash’ e passagens densas na linha ‘Death’. A diversificação e mistura de estilos, que andam lado a lado, fizeram muito bem ao disco, pois foram usados de forma inteligente e não deixou se tornar clichê ou previsível. O vocal mostra-se bem alinhado e de pura agressividade, assim como baixo e bateria que se encontra em um sincronismo bem empolgante e técnico, mostrando um belo desempenho e qualidade. Todas as músicas seguem a mesma linha, com poucas variações. Os destaques ficam para a excelente faixa de abertura “Bloodless Award” e para a magnífica “ríferama” encontrada em “The Sun... (Doesn’t Shine To Everyone)”. A faixa título “Tortuous Ways” mostra exímios solos e uma destruição incrível com as baquetas e “Blood & Ache”, que se pode chamar de um verdadeiro hino da banda. No disco também encontramos versões demos de algumas faixas, deixando um atrativo a mais. O “Nephusus” acertou e cheio neste belo petardo que com certeza se tornou um marco para o som ‘Underground’ e pesado da época. Recomendadíssimo!



Age Of Artemis
The Waking Hour
Rising Records / MS Metal Records

7294
9,5

Por Pedro Humangous

Eis o disco que mais ouvi no ano passado! Se tivesse que resumir “The Waking Hour” em apenas uma palavra, eu diria: viciante! Desde a primeira audição eu já gostei desse trabalho, sem uma ressalva qualquer, todas as faixas são cativantes, bem construídas e empolgantes! O disco anterior, “Overcoming Limits”, já foi um grande álbum de estreia e um dos melhores do estilo no ano em que foi lançado, gerando grandes expectativas pelo próximo trabalho do grupo. Após dois anos de espera, temos em mãos o “The Waking Hour”, composto por onze faixas (mais uma bônus track). O disco já começa

impressionando pela belíssima arte da capa, feita pelo experiente colombiano Felipe Machado Franco (cada vez mais atuante, já trabalhou com bandas como Blind Guardian, Rage, Rhapsody Of Fire, Jorn, entre tantos outros grandes nomes). Após uma breve introdução, começa a emblemática “Under The Sun”, com uma batida tipicamente brasileira, lembrando bastante a fase “Holy Land” do Angra. Aliás, muitos disseram que esse poderia ser facilmente o novo álbum do Angra, tamanhas semelhanças nas composições, além do fato de seu vocalista, Alirio Netto, ter sido cogitado (não oficialmente) para a vaga deixada por Edu Falaschi (hoje ocupada por Fabio Lione). Acho a comparação um pouco exagerada, pois o Age Of Artemis tem bastante identidade própria e soube trilhar seu caminho sem a necessidade de bengalas. Além do citado vocalista, a banda ainda conta com os jovens talentos Nathan Grego (guitarras), Gabriel Soto (guitarras), Giovanni Sena (baixo) e Pedro Senna (bateria), e cada um é simplesmente genial em seu respectivo instrumento. Os riffs e solos estão impressionantes e grudentos, a cozinha sempre criativa e diversificada, e o vocal de Alirio melhor do que nunca – abusando dos drives, rasgando mais a voz e impondo um agudo de respeito. A mistura de Power e Melodic Metal soa incrível com as pitadas de Prog que inseriram, fazendo com que seja impossível não vibrar com faixas como “Broken Bridges”, “The Waking Hour” e “Melted In Charisma”. A influência de música brasileira

retorna com força total na ótima “Childhood” – um mix de Angra e Dream Theater, com um refrão matador! As baladas “Hunger And Shame” e “Your Smile” servem para balancear os ânimos, fazendo a audição fluir com naturalidade. As porradas “New Revolution” (a intro parece ter saído de trilha de videogame) e “Exile” agitam bastante antes da última, mais calma e viajante “Winding Road”. Sangue renovado no Metal brasileiro, uma das mais interessantes do estilo atualmente. Um dos melhores discos de 2014, ouça!



**Wintter
Wings
Ms Metal Records**

9,5

Por Leandro Fernandes

Com um misto de ‘Hard Rock’ e ‘Rock Progressivo’, o “Wintter” conseguiu criar um belo disco. “Wings” traz uma proposta de um som inovador e bem chiclete, perfeito para os amantes mais fervorosos de um ‘Hard’ muito trabalhado, com fortes nuances de raiz. Em se tratando de uma banda literalmente feita em casa, o entrosamento com certeza não deve sido um problema para o trio. Os caras engajam-se bem nas melodias e composições, deixando bem explícito o talento de cada um. A parte de riffs em todas as músicas é completamente

saudosista, assim como o uso de teclados que também se encaixa de forma única e sem exageros, seguindo uma linha Rush de ser (banda que era “coverizada” por eles) mostrando aí uma mescla que deu certo. São onze músicas de muita qualidade e longe de mesmices. A faixa “Crazy Flying Guys”, que abre o disco, empolga logo de cara, com destaque para a bateria que é forte, intensa assim como os teclados, dando um ar bem nostálgico. “See You in Hell” e “The Letter” mostram fortemente passagens idênticas as do Rush. Excelentes canções! A semi balada “Take Your Wings” tem um belo solo e também soa bastante grudenta, com um belo refrão em coro. Com um som completamente ‘Prog’, “Aces Never Die” é o ponto alto do disco, com primorosas instrumentações, vocal intenso e bem acentuado, riffs carregados e ótimas linhas de baixo, música realmente rica em todos os quesitos. Encerrando o disco com “Wings of Hope”, que é uma canção completamente diferente das demais, mas com a essência do disco mantida, a banda pode ser aplaudida em pé, pois fizeram um trabalho de alto poder de talento e mostram bem como se fazem um som que poderá agradar a todos.



**Silver Mammoth
Pride Price**

8,0

Por João Messias Jr.

Queria que os brazucas do “Silver Mammoth” tirassem a sorte grande, pois fizeram (quase) tudo certinho em seu segundo disco, “Pride Price”. Formado na época por Marcelo Izzo (vocal), Marcelo Izzo Jr. (guitarra), Leonardo Henrique (guitarra), Chakal (baixo), Gerson Reyes (bateria) e o convidado Rafael Agostinho (teclados) não apenas continuaram a saga adotada no primeiro disco, como evoluíram bastante, elevando a música para um novo patamar. Ainda bebendo na mescla do ‘Classic Rock’, com momentos de ‘Hard’ aqui e ‘Heavy’ acolá, a banda não quis deixar sua música ‘envelhecida’, pois

usou uma produção atual, a cargo de Marcelo Izzo e Neno Fernando (Maestra), que deixaram tudo bem pesado e com muita clareza, além de um ar de modernidade, combinando bem com a música do grupo. Claro que de nada adiantaria se as músicas não fossem boas. Felizmente elas são. E muito! Algumas se destacam logo de cara como a faixa-título e “Robert and I Face to Face Thirty Years Later”. A primeira por contar com guitarras pra lá de inspiradas e a segunda pelos climas “viagem”, uma levada muito gostosa e pesada. Já “Turning Paranóia” chama a atenção pela linha vocal mais falada, vindo a combinar com o clima do instrumental.

O grande trunfo dos caras está nas canções intimistas, o que eles fazem muito bem aqui. As semi-baladas “Bitter Moon or Honey Moon” e “Sweet Little Sister” contam com belos momentos acústicos e Mozart Gale rouba a cena pelo piano bem sacado e linhas vocais inspiradas naquele famoso quarteto de Liverpool. Falando no cantor, ele mostra boa versatilidade, pois, além dos Beatles, possui como referências Ian Gillan (Deep Purple), Ozzy Osbourne e Eddie Vedder (Pearl Jam), mas precisa tomar alguns cuidados com alguns excessos, especialmente nas músicas mais pesadas. Corrigindo esses detalhes, alçarão momentos sublimes ao lado dos mamutes prateados, embora já façam por merecer um maior reconhecimento do público fã de Rock. E isso numa cena cheia de grupos, é um baita diferencial.



**Necromancer
Forbidden Art
Heavy Metal Rock**

8,0

Por Pedro Humangous

O que acha de esperar mais de vinte anos para gravar suas composições? Foi o que aconteceu com a banda carioca “Necromancer”. Formada na década de 80, o grupo criou suas músicas, porém não teve a oportunidade de gravá-las em um registro oficial e lançá-las ao público. Após uma longa espera, tanto por parte dos músicos quanto dos fãs, temos em mãos - em formato físico - o tão aguardado álbum de estreia! “Forbidden Art” é realmente uma arte proibida! Você tem a sensação de ser um historiador encontrando algum item

raro, intacto e preservado, mesmo com a ação do tempo. Soa como um disco dos anos 80 gravado com a tecnologia de hoje, o que deu uma cara bem legal ao trabalho. A formação que gravou esse álbum foi Luiz Fernando (guitarras e backing vocals), Marcelo (vocaís) e Alex Kafer (bateria, baixo, guitarras e backing vocals). A maravilhosa arte que ilustra a capa foi feita pelo renomado Marcelo Vasco (pra quem não lembra, ele fez as capas de bandas como Soulfly, Machine Head, Borknagar, etc) dando assim ainda mais brilho a esse lançamento. A proposta do “Necromancer” é misturar o ‘Thrash’ com o ‘Death Metal’, resultando em uma máquina mortal, feita para quebrar pescoços! Destaque para “Deadly Symbiosis”, com sua pegada totalmente Slayer e a mais arrastada “Middle Ages”, que tem um timbre cascudo, flertando com o ‘Doom’ e o ‘Stoner’. Parabéns para a “Heavy Metal Rock” pela iniciativa e coragem de lançar um material desses! Certamente o Metal agradece e não poderia ficar sem esse registro histórico. Impossível não curtir um disco assim: uma mistura de novidade e nostalgia jamais vista antes!



**Pile Of Corpses
For Sex, For Violence, For Alcohol
Independente**

8,0

Por Cupim Lombardi

Notadamente uma banda que curte uma zoeira! Com a capa até podemos chutar um ‘Thrash’ alcoólico e etc, mas a banda traz um ‘Death Metal’ com ótimas pegadas ‘Grind’ em seu primeiro full lenght, apesar de a banda estar na ativa desde 2001. A introdução não é para ouvir em espaços de trabalho ou na casa da vó, a não ser que você queira causar! Logo vem a porrada constante que vai durar, incessantemente, até o fim. A produção não ficou lá essas coisas, porém a distribuição das músicas e dos instrumentos condiz

com a proposta da banda. Principalmente o timbre da bateria, que merece seu destaque, principalmente pra caixa que destaca o ‘taco-taco’. A parte lírica condiz muito com bandas ‘Grindcore’ de zoeiras e sexismos, como em “The Hymen Collector”, “Gore Sex” e “Masturbation of the Wicked”. E a zoeira também fica bem evidente nos codinomes de seus integrantes. Por ser um trabalho independente, mandaram muito bem, inclusive na arte da capa, cheia de detalhes ‘escrotos’. Porradoria garantida, ao menos!



Indiscipline
In My Guts
Independente

8,5

Por Leandro Fernandes

Temos aqui três garotas que pretendem fazer bastante alvoroço nessa nova safra de bandas do Metal Nacional. "Indiscipline" é o nome dado a esse trio que merece atenção pois, o talento e a versatilidade encontrados nesse EP, são visíveis. As cariocas produzem um som interessante chegando em certos momentos, ser envolvente. A banda segue uma linha mais Rock 'n Roll, com pitadas setentistas; a guitarra destila bons riffs, com bastante técnica, assim como o baixo que consiste em uma linha bastante variada e interessantes escalas, fazendo a famosa "cozinha" com a bateria, notamos algo mais

cadenciado nas baquetas, quesito importante e que segue bem a proposta das demais. O EP possui cinco músicas e uma arte gráfica da capa bem elaborada. Iniciando os trabalhos com "Devil In Me" mostra uma boa sacada das meninas: iniciar o disco com uma música que chama muito a atenção, com consistência, peso na medida, uma linha de riffs e baixo de muito bom gosto. Excelente música! Dando a sequência com "Guts", temos um 'Metal/Rock' mais carregado, o vocal vindo a causar certa estranheza de início, mas se encaixando muito bem na medida em que a faixa vai se desenvolvendo. A faixa título "Indiscipline" entra em uma nuance, ao longe, um pouco Motörhead, mostrando novamente um belo trabalho de Alice (vocal e baixo), que cria ótimas escalas em seu instrumento. "Deserving Hate" e "Goodbye", que encerram o EP, fazem uma 'dobradinha', mostrando juntas a mesma pegada. Podemos sim dizer que banda está no rumo certo e que temos um excelente trio, que renderá grandes frutos.



Pray For Mercy
In Absentia
Eternal Hatred Records

9,5

Por Pedro Humangous

Como eu aguardei por esse disco! Não é mistério pra ninguém o fato de eu gostar - e muito - de um som mais moderno. Aprecio sem moderação um bom 'Deathcore', repleto de breakdowns, guitarras de sete e oito cordas e aquele vocal cavernoso. A banda "Pray For Mercy" vem de São Paulo, e integra essa nova onda que gosto de chamar de "New Wave Of Brazilian Metal", onde estão bandas como Project 46, Slow Bleeding e John Wayne, por exemplo. Bandas novas, com propostas renovadas e uma legião de fãs. Eu já havia ficado assustado com a qualidade do trabalho deles quando ouvi

o álbum "Olhos Sem Vida", de 2012. Após a trágica morte de um dos integrantes (o vocalista Fábio Nunes Frazão), a banda encerrou suas atividades no ano seguinte. Felizmente o grupo recuperou suas forças e retomou os trabalhos em 2014 e compôs esse belíssimo registro chamado "In Absentia". Além da formação anterior, entraram na banda o vocalista Bruno Tortorello e o tecladista Gustavo Oliveira, que trouxeram sangue novo ao som. As composições estão ainda mais coesas, extremamente brutais e viciantes – é praticamente uma injeção de adrenalina no sangue! As linhas de teclado formam uma camada incrível de maldade, dando um clima soturno às músicas, encaixados de forma simples e inteligente. O legal é que a banda não se prende somente ao 'Deathcore'; buscaram inserir elementos sinfônicos e doses generosas de 'Black Metal', soando a uma mistura de Dimmu Borgir com Carnifex – me lembrou muito o estilo da banda australiana Make Them Suffer. As letras são todas em português, ajudando bastante na compreensão da temática, tornando a audição ainda mais intensa – "Ato II: Aceite A Dor" é simplesmente macabra! E o que falar da parte estética do disco? Arte primorosa, tanto na capa quanto em todo o encarte – méritos a Hugo Silva, da Abacrombie Ink. A produção ficou nas mãos do experiente (e cada vez mais atuante) Adair Daufembach, que deixou tudo muito bem regulado, audível e impactante. As guitarras e o baixo estão incríveis, os vocais absurdos e a bateria ultra nervosa! Um dos melhores trabalhos de 2014 e, sem dúvidas, uma das maiores promessas entre as nacionais da atualidade!



Angra
Secret Garden
Universal

9,0

Por Thiago Rahal Mauro

Uma banda com mais vinte anos de estrada como o Angra não deveria ter nada a provar para ninguém, mas no Brasil isso não é muito considerado pela maioria das pessoas que escuta e gosta de Metal. Após mudanças de integrantes em posições chave em qualquer grupo, como a entrada de Fabio Lione (vocal) e Bruno Valverde (bateria) nos lugares de Edu Falaschi e Ricardo Confessori respectivamente, o Angra teve que se reinventar dentro de um estilo que parecia fechado e repleto de dogmas e paradigmas a serem quebrados. Com pré-produção de Roy Z (Judas Priest, Bruce Dickinson,

Halford), e produzido e gravado na Suécia pelo talentoso Jens Bogren (Kreator, Arch Enemy, Opeth), "Secret Garden" reúne momentos de pura inspiração do guitarrista e fundador do Angra, Rafael Bittencourt, tanto na parte lírica, como cantando em diversas composições. A faixa que abre o trabalho, "Newborn Me", é uma das melhores músicas do Angra desde o "Temple of Shadows" e tem tudo o que envolve a banda, ou seja, riffs baseados no maracatu (música brasileira), tema progressivo e Fabio Lione mandando ver em uma linha vocal com refrão marcante. Destaco a pesada "Final Light", a curiosa "Storm Of Emotions" com um riff de baixo esplêndido de Felipe Andreoli e "Upper Levels", com destaque para o baterista Bruno Valverde. Em "Crushing Room" é marcante o dueto de Bittencourt com Doro Pesch nos vocais. Enfim, "Secret Garden" é um trabalho para se escutar sem pensar no passado, apenas no futuro, além de uma liberdade para interagir com novas sonoridades e elementos.

APOIE
A CENA METAL
NACIONAL
E NÃO SE APOIE NELA.

COMPAREÇA A EVENTOS
VALORIZE MATERIAL DAS BANDAS
E CASAS QUE APOIAM O METAL

MELHORES DO ANO 2014

Pedro Humangous

TOP 10

Black Crown Initiate - The Wreckage Of Stars
Alterbeast - Immortal
The Kennedy Veil - Trinity Of Falsehood
Xerath - III
Mayan - Antagonise
Tellus Terror - Ez Life DV8
Project 46 - Que Seja Feita A Nossa Vontade
Slasher - Katharsis
Aspherium - The Fall Of Therenia
Fallujah - The Flesh Prevails

Melhor DVD

Dream Theater - Breaking The Fourth Wall

Revelação Nacional

Imbyra

Revelação Internacional

King 810

Decepção de 2014

Festival Zoombie Ritual

Disco Que Mais Ouviu No Ano

Age Of Artemis - The Waking Hour



Thiago Rahal Mauro

TOP 10

H.E.A.T - Tearing Down the Walls
Machine Head - Bloodstone & Diamonds
State Of Salazar - All The Way
Work Of Art - Framework
Exodus - Blood In Blood Out
Winger - Better Days Comin'
Accept - Blind Rage
Unisonic - Light of Dawn
Evergrey - Hymns for the Broken
Sanctuary - The Year of The Sun Died

Melhor DVD

Dream Theater - Breaking The Fourth Wall

Revelação Nacional

Vivalma

Revelação Internacional

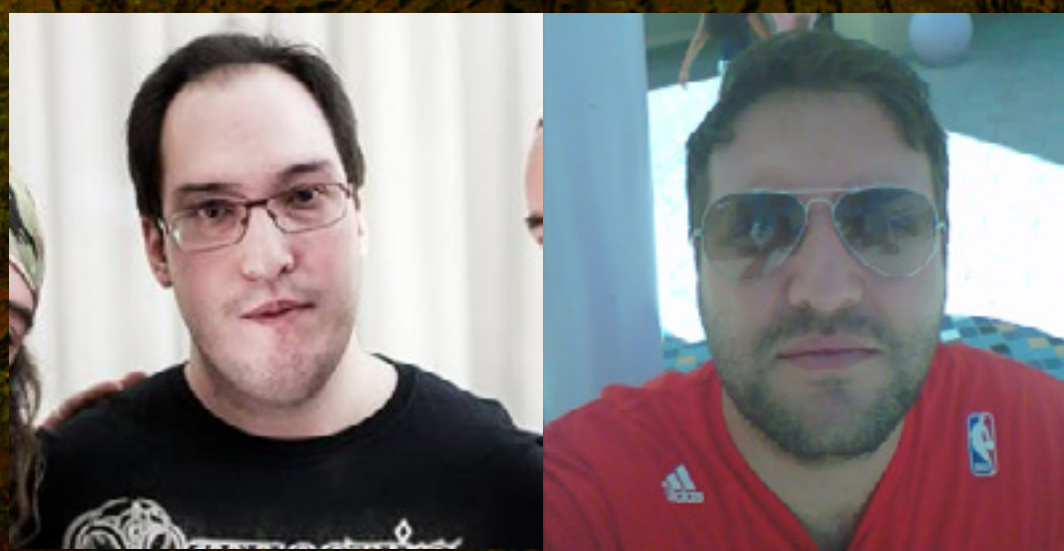
Red Dragon Cartel

Decepção de 2014

Haters do Facebook

Disco Que Mais Ouviu No Ano

W.E.T. - One Live In Stockholm



Marcos Garcia

TOP 10

Dynahead - Chordata II
Behemoth - The Satanist
Suicidal Angels - Divide and Conquer
Immortal Guardian - The Revolution Part I
Tellus Terror - EZ Life DV8
Unearthly - The Unearthly
Zaltana - Zaltana
And Solis - Vigil
Bjarm - Imminence
Voodoo priest - Mandu

Melhor DVD

Woslom - DestrucTVsion

Revelação Nacional

Zaltana

Revelação Internacional

And Solis

Decepção de 2014

Cast do Monsters of Rock, muita reclamação por nada na cena nacional

Disco Que Mais Ouviu No Ano

Sanctuary - The Year the Sun died



Leandro Fernandes

TOP 10

Slasher - Katharsis
Higher - Higher
Zaltana - Zaltana
Tellus Terror - Ez Life DV8
Uganga - Opressor
Amen Corner - Christ Worldwide Corporation
Innvein - Timeless
Noturnall - Noturnall
Grimriot - Under Red Stars
Accept - Blind Rage

Melhor DVD

Noturnall - First Night Live

Revelação Nacional

Zaltana

Revelação Internacional

Innvein

Decepção de 2014

Festival Zoombie Ritual

Disco que mais ouviu no ano

Zaltana - Zaltana

Junior Frascá

TOP 10

Machine Head - Bloodstone & Diamonds
Triptykon - Melana Chasmata
Robert Pehrsson's Hambucker
Wilko Johnson/Roger Daltrey - Going Back Home
Slipknot - V: The Gray Chapter
Vintage Caravan - Voyage
Mastodon - Once More' Round the Sun
Grand Magus - Triumph and Power
Monte Pittman - The Power of Three
Fallujah - Flesh Prevails

Melhor DVD

Rob Zombie: The Zombie Horror Picture Show

Revelação Nacional

Voodoo priest

Revelação Internacional

The Vintage Caravan

Decepção de 2014

-

Disco Que Mais Ouviu No Ano

Robert Pehrsson's Hambucker - S/T

João Messias Jr.

Top 10

Rosa de Saron - Cartas ao Remetente
Radiolaria - Vermelho
Grimriot - Under Red Stars
Cartoon - Unbeatable
Walsuan Miterran - Feelings of the Soul
Sound'n'Rage - Deal With Your Hate
Rexor - Powered Heart
Uganga - Opressor
The Leprechaun - Long Road
MX - Re-Lapse

Melhor DVD:

First Night Live - Noturnall

Revelação Nacional:

Phrenesy

Revelação Internacional:

Nenhuma

Decepção de 2014:

Cavalera Conspiracy

Disco Que Mais Ouviu No Ano:

Cartas ao Remetente - Rosa de Saron



GO TO HELL

HELL DIVINE

KNLEED FESTIVAL PRODUCTIONS

WWW.FACEBOOK.COM/HELLDIVINE